

Dr. Benjamin Mandelbaum

MEDITAÇÃO CABALÍSTICA

Benjamin Mandelbaum

• APRESENTAÇÃO

Muitos foram os caminhos que percorri até chegar na Cabala. Quando hoje retomo esta trajetória, percebo como desde o início ela estava presente na minha vida. A cultura judaica estava no dia-a-dia, a religiosidade era natural, amava a D's* e aos meus. Minhas famílias de origem eram religiosas, sendo que meu avô paterno era um 'shoivet', o magarefe consagrado com seu ritual de abate dos animais e conhecedor profundo da cabala. Todos eles emigrantes da Polônia, trouxeram a herança da alegria espiritual do hassidismo, pois este movimento revolucionário do judaísmo do passado propunha que a comunicação com o divino se dava pela abertura do próprio coração. Sendo assim, a pessoa não necessitava mais de nenhuma autoridade intermediária letrada como seu porta-voz. Os tópicos brasileiros possibilitaram uma miscigenação holística. Nascido em Madureira também vivi a alegria suburbana com sua sabedoria peculiar.

Claro nem tudo eram flores. O sofrimento humano sempre me comoveu. Juntos também estavam os sofrimentos desses dois povos, suas perseguições, explorações e maus tratos. Conheci a doença muito cedo em mim e nos meus. Buscando a cura, dediquei-me a medicina. Nela, através da compreensão dos labirintos da mente, busquei o alívio e resolução da dor psíquica, tanto individual quanto socialmente.

Nesta trajetória, buscando as bases da revolução social e pessoal, ao romper com certas tradições religiosas que me cerceavam acabei rompendo relações com o divino. Ele, na sua perfeição me concedeu esta possibilidade, que foi necessária como processo de apropriação. Mas, mesmo neste cenário sombrio de dúvidas e dores a paixão pelas ciências analíticas, filosofias e pela justiça dominavam.

* Usaremos a abreviação do sagrado nome, para não proferi-lo em vão, mesmo sendo indizível, retirando o "eu" do seu interior. É preciso ter eu para se aproximar de um deus, mas é no desapego do eu que se o alcança.

No meu desenvolvimento, após vários anos de auto-conhecimento, através da psicanálise, minha alma, que tinha se exilado do corpo, reclama por ele. O reencontro com a bioenergia se acompanhou de vitalidade, prazer e crença. A vibração através dos exercícios psico-corporais é a própria vibração da vida. Voltando a sentir, a mim mesmo e as coisas, tudo ganhava novo e mais profundo sentido.

O oriente me orientou com seu vasto e profundo conhecimento energético, incluindo suas práticas meditativas. Senti que os sete segmentos reichianos se equivaliam aos 7 chakras, centros energéticos. Junto com o 'healing' ocidental, interessei-me pela energia de cura, transformadora e transmutadora.

A liberdade religiosa presente na nossa terra foi solo favorável a uma nova visão holística. A energia cósmica agora era uma realidade, inclusive científica. As religiões, com seus arquétipos do inconsciente coletivo, passam agora a se configurar como tentativas de linguagens específicas buscando comunicar o inapreensível. Os mistérios ganhavam sentido, mas buscavam um sentido maior.

Com o amadurecimento conquistado pelos anos de dedicação, podia agora me render. Foi em um exercício de bioenergética de entrega e pedido que só pude fazer o apelo quando dirigido ao divino, transformando a humilhação em humildade. Reacendeu em mim a espiritualidade e com ela a Cabala, como se estivesse sempre presente, aguardando o momento certo de desabrochar e era agora. Como a volta do filho pródigo, retorno às origens, passando a dedicar-me integralmente à ela.

• A CABALA

A Cabala oferece-nos uma grande síntese. É a unificação das ciências exotéricas com as esotéricas, ou seja das ciências exteriores com as interiores. União entre o ocidente e o oriente, pois nascida no oriente médio foi desenvolvida no ocidente e difundida universalmente. Ela é o pólo comum das 3 grandes religiões, o judaísmo, o cristianismo e o sufismo do islamismo e nos oferece a saída de paz para aquela região sagrada.

Suas origens se perdem no tempo comum, pois pertencem ao Tempo maior. Remonta a Enoque do período adâmico, aquele que ascendeu sendo Metraton, ocupando o lugar do anjo caído. Figura mítica que também é associada a Eliahu, o profeta, mas também a Hermes, Thoth e Melquisedec, tendo este, por sua vez ensinado a Abraão, patriarca do judaísmo e do islamismo.

Seus dois tratados mais importantes são o “Sefer Yetzirah”- o livro da formação, atribuído a Abraão, que trata da gênese do universo e do homem, introduzindo as dez sefirót da árvore da vida. E o “Zohar” -o livro do esplendor, coletânea de Reb. Shimon ben Iochai, abordando a teologia, a angeologia e a cosmogonia, trata da ‘carruagem’ condutora da transcendência humana.

Tais obras se referem a Torá, Bíblia Sagrada, sendo enriquecidas pelo Talmud e outras obras. A cabala hermética tem estreitas relações com o gnosticismo cristão, com os rosa-cruzes, os templários e a franco maçonaria se nutrido do Novo Testamento, particularmente do Apocalipse.

A cabala, ao longo dos séculos, teve seu berço no velho mundo, como Mesopotâmia, Babilônia, Egito e Israel. Desenvolveu em várias partes do novo mundo, como na Europa, tanto ocidental (Portugal, Espanha, Itália, Alemanha e França), quanto oriental (Polônia e Rússia). Neste final de século e de milênio vemos seu florescimento nas Américas, inclusive no Brasil.

Cabala significa tradição , etimologicamente quer dizer receber. Para receber sem estagnar é preciso compartilhar. O Mar Morto, no deserto, é sem vida e tende a morrer, pois não se abrindo não recicla como o Jordão, que se renova ao se entregar. Receber e compartilhar a tradição, tanto escrita quanto oral. Receber e compartilhar dos atributos divinos.

Conta a tradição a história de um sujeito que chegou no inferno. Lá, encontrou uma enorme e farta mesa, com tudo do bom e do melhor. Após a surpresa da cena verificou, entretanto, que todos resmungavam e ranzizavam. Chegou mais perto deles, com um olhar mais atento, e percebeu que as pessoas ali tinham os cotovelos invertidos, de modo que era impossível fazer-se a flexão que habitualmente fazemos, para trazeremos a comida à própria boca. Assim, com a dobradiça trocada, chafurdavam-se com os rostos sobre os pratos e reclamavam do castigo, pois de que adiantava tal fartura se eram impedidos de usufruí-la dignamente.

Dali o sujeito foi encaminhado para o paraíso. Incrível, o cenário era exatamente o mesmo, isto é, havia uma enorme e fausta mesa posta, com as melhores iguarias. As pessoas, éle reparou, também tinham os cotovelos invertidos. Entretanto todas estavam sorridentes e felizes, era inacreditável. Curioso perguntou-se a razão de tal contentamento, dada a impossibilidade

como antes de usufruírem daquele banquete. Seria uma ilusão? Desvendou-se o mistério quando percebeu que, embora estivessem impedidos de trazerem a sua própria boca o alimento, a flexão invertida não impossibilitava de que pudessem levar a própria mão com a comida para a boca do companheiro, de modo que todos se alimentavam reciprocamente.

Esta é a verdadeira essência do receber e compartilhar. Usufruir com dignidade é o ato de abrir o seu coração e a sua mão em direção ao outro. Estas aberturas, junto com a boca aberta, possibilitavam o recebimento digno da dádiva reciproca possibilitada pelo outro, criando-se uma rede inter-solidária infinita. A cooperação é o novo paradigma da competição, se constituindo no verdadeiro mercado compartilhado da Nova Era.

Tal é a importância do conjunto cooperado que, reza a tradição, são necessárias 10 pessoas, cada uma delas representando os frutos da Árvore da Vida, para que a oração se realize plenamente. Isto se dá através das singulares transmutações do próprio coração, *Tikun Lev*. Tikun é a redenção quando conjuntamente criamos a massa crítica necessária para a grande transmutação do mundo, o *Tikun Olam*. É esta própria massa crítica que possibilita o advindo do Ungido Redentor, trazendo a salvação e a instalação de uma nova era, quando as armas se transformarão em arados.

Como vimos na parábola, costumamos dar mais atenção aquilo que nos falta, o nosso inferno da impossibilidade de dobrar para si o cotovelo, do que ao que possuímos, o nosso céu de nos dobrarmos ao outro reciprocamente. Falamos de carência de uma forma ambígua, ora cantando que somos carentes profissionais, ora buscando o ideal da auto-suficiência que se basta, e que é inalcançável. A própria cultura consumista produz ondas de falta a serem preenchidas com produtos da moda.

As culturas do desperdício, do consumo desenfreado, contrastam desarmonicamente com as culturas da escassez, carenciais de subsistência. As sobras alimentares dos desenvolvidos seriam suficientes para acabar com a fome do subdesenvolvidos. Este excesso não é prosperidade, mas sim desperdício, com as suas doenças correspondentes. Da mesma forma, esta falta não é estruturante, pois é aniquiladora da própria vida. Sendo cada uma violenta por si só, no fosso entre as duas se gera um quadro assustador de violências crescentes. Viola-se a taça que se quebra , não acolhendo nem

distribuindo seu conteúdo. O verdadeiro desenvolvimento é auto-sustentado e integrado com o todo.

A Cabala diz que cada um dos elementos, ou cada uma das esferas da árvore, são importantes por si, mas que não existe uma com importância maior que a outra, pois estão todos interligados entre si, em um ecossistema. Dessa forma, nos ensina a agir localmente, mas pensando globalmente. Este sim é o verdadeiro paradigma e não a globalização neo-liberal, que é uma nova forma de colonização escravizadora.

Em relação a dimensão carencial, a Cabala nos conta ainda, sobre a gênese do universo material. Explica que o Criador, que ocupava tudo em absoluta perfeição, de nada carecendo, por sua vontade suprema quis compartilhar dessa total bem-aventurança e criou o universo. Para tanto, retraiu-se a si mesmo em sua totalidade, abrindo-se assim o espaço imperfeito necessário para a criação do próprio universo. Chama-se de *Tzim-Tzum* esta grande contração divina original, que é equivalente ao Big-bang . A carência em si mesma pode ser considerada a primeira criação divina.

Sendo a própria essência divina inefável e inacessível podemos dela nos aproximar através dos 3 véus do Grande Imanifesto. O primeiro e mais inatingível desses véus é *Ayn*, literalmente quer dizer Sem ou Nada, carência positiva, pois aqui o nada não nadifica mas sim cria, abrindo o espaço incomensurável para o segundo véu que é *Ayn Sof*, o Sem Fim ou Infinito e deste então resplandece para o terceiro véu que é *Ayn Sof Aor*, Sem Fim Luz ou Luz Sem Fim. É desta luz infinita que emerge as raízes celestiais que nasce a Árvore da Vida.

Para o nascimento da matéria foi preciso ser instalada a falta, que nasce concomitantemente com o mal, pois ele é o resultado da própria carência, daí o sofrimento com a mesma.

Neste universo cabalístico foram criados na natureza quatro reinos, que são dispostos em ordem crescente segundo suas carências e dependências.

O primeiro na origem, e o menos carente de todos, é o reino mineral, pois em sua primitividade de origem praticamente não depende dos outros reinos e a inércia é a sua maior aliada. A seguir temos a criação do reino vegetal, o segundo na escala evolutiva, que já necessita do reino mineral, terra, ar, água e luz para a sua própria existência e sobrevivência. Em seguida temos o terceiro, que é o reino animal, o qual precisa tanto do mineral, quanto do vegetal e até do seu próprio reino animal para a sua existência. A vida se alimenta de vida. Finalmente, temos o quarto que é o reino

humano, que é o mais carente de todos, pois, precisa dos minerais, dos vegetais, dos animais e do próprio ser humano para existir, sobreviver e desenvolver.

Desde a sua própria imaturidade constitucional, demorando mais que todos os outros seres a ser independente, tanto do ponto de vista físico quanto psicológico, o homem carece de todos os reinos inclusive do seu próprio. O homem nasce imaturo neurológicamente, sem a formação completa da bainha de mielina, que reveste a célula nervosa, ele tem literalmente os nervos à flor da pele, pois seus neurônios são como fios desencapados. O bebê tem praticamente desenvolvido o aparelho sensorio, tudo sentindo, mas não tem da mesma forma o aparelho motor, daí sua incordenação motora, que o faz tão frágil e vulnerável ao meio.

Entretanto, exatamente por ter ainda poucas conexões entre as sinapses, que são as ligações das células nervosas entre si, ele tem possibilidades infinitas de futuras conexões, conforme o seu aprendizado. Informação e formação são indissociáveis entre si. Assim, por exemplo, uma criança normal tendo a potencialidade de aprender todos os idiomas do planeta, aprende aquele que lhe é ensinado.

Portanto, o ser humano tem uma capacidade de aprendizado incomensurável, na troca de experiências e vivências com outros seres humanos, o que implica, por conseguinte, na dimensão de crescimento e desenvolvimento pessoal, cultural , humano e espiritual.

Conscientizar da própria carência implica em responsabilidade, vale dizer ser capaz de responder por ela. É esta consciência desenvolvida que desembocou na concepção ecológica dos nossos tempos.

Esta carência é intrínseca ao ser humano, pois temos inclusive a própria consciência da falta, positiva e negativa, em seu duplo sentido do bem e do mal e devemos aceitá-la com humildade. A consciência é, por um lado, fardo da existência, em sua dimensão carencial, tal como os cotovelos invertidos da parábola, mas, por outro lado, também é um grande dom, uma benesse divina, pela condição de possibilidade que implica, tal como na troca recíproca de alimentação, do desenvolvimento do receber e do compartilhar que o espaço vago possibilita.

A falta estruturante é tal qual o quebra-cabeças de bolso, com letras ou números, que tem um espaço vago entre as peças do jogo. Êste, precisa desta lacuna para poder realizar os movimentos de trocas de posição das peças de números ou letras das palavras cruzadas. Da mesma forma, a tela em branco é o espaço de

criação do artista. Só tendo o espaço da falta que existe a possibilidade de recebimento.

É preciso, antes de tudo, se esvaziar, se limpar, para melhor poder receber. Bem sabemos como é mais difícil dar um presente para quem parece que 'já tem de tudo'. Os orientais tem um costume de que aquele que dá é quem agradece, tanto por ter para dar, quanto por ter alguém disposto a receber. Franciscanamente é dando que se recebe.

Para um Tempo maior que o tempo comum só um Espaço maior que o espaço comum. O território desta cabala cabal é muito vasto. Neste trajeto da Cabala teórica e prática, várias escolas e percursos se deram, enfatizando-se algumas características, como a oração, a meditação e a contemplação.

Letras, números e palavras são vivos, tem vida própria. O nome próprio de cada letra tem ele mesmo um significado, tanto literal, quanto esotérico. As letras correspondem números que compõem um nome, uma palavra ou uma oração.

O próprio carácter da letra, com seu desenho, encerra significados. Também se pode fazer analogias entre as palavras que guardam entre si uma relação de equivalência numérica. Ou ainda, utilizando-se um sistema de abreviações das iniciais de uma oração, revelam um sentido oculto. Assim, temos o *notarikon*, a *guematria* e a *temurá*, como ramos importantes da cabala. Uma outra possibilidade se refere as práticas cabalísticas rituais, inclusive com o uso de amuletos, como por exemplo, na mudança do nome próprio de uma pessoa desenganada para enganar com a troca do nome o anjo da morte.

Como vemos as possibilidades combinatórias que encerra a cabala são infinitas, principalmente quando sabemos que dentro deste vasto sistema da ciência cabalista também está presente a astrologia e o tarô. Nas artes divinatórias, pois a adivinhação é a articulação com o divino, o Tarô só é profundamente compreendido quando associado a leitura dos caminhos cabalísticos da Árvore da Vida, a qual também implica em uma compreensão astrológica. A taromancia, como a astrologia, não é profetização, mas sim a leitura de um futuro que já se manifesta aqui e agora, através da sincronicidade de jogos de força, energia e tendências trazidas pelas cartas ou pelos astros.

As dez emanções divinas, presentificadas nas esferas da Árvore da Vida, são dispostas de tal forma que constituem uma mandala, símbolo de perfeição. Ligando umas às outras temos seus 22 caminhos que correspondem aos 22 arcanos maiores

do Tarô. Seguir os caminhos dos arcanos corresponde a um processo de individuação, Acessando o inconscientes individual, coletivo e cósmico.

Os 4 naipes: ouro, espadas, copas e paus têm correspondência com os 4 elementos terra, ar, água e fogo, respectivamente. As 4 figuras Princesa, Príncipe, Rainha, Rei correspondem aos 4 mundos da ação, da formação, da criação e da emanção, bem como a cada uma das 4 letras, *Iud*, *Heh*, *Vav* e *Heh* do Tetragramaton, o sagrado nome de D-s.

São tantas combinações e leituras, nesta miríade de possibilidades, que o caminho do desenvolvimento se depara com os riscos da nossa própria humanidade. Conta a tradição que 4 homens justos alçaram o paraíso. Um deles, não suportou a alta voltagem e sucumbiu fatalmente, outros dizem que sobreviveu mas ficou cego com tamanho fulgor e luminosidade. Aqui o corpo não resistiu fisicamente. O segundo ficou louco com a multiplicidade da unidade, perdeu-se fragmentando-se. A mente sucumbiu. O terceiro estarrecido com as possibilidades supracontraditórias que se apresentavam, para além da compreensão humana, ficou cético. O coração congelou. Só o quarto é que pode-se se iluminar e ascender em sua transcendência.

Os riscos de se perder no caminho de subida são vários, mas temos um quarto de chance de sucesso, no qual devemos investir o nosso desenvolvimento com amor e respeito. Pecado é etimologicamente desvio do alvo, que é alcançar a unidade Divina, ou como disse Boff é não querer crescer. Para atravessar o medo que nos atravessa nesta jornada, temos o milagre do amor. O homem feito a imagem e semelhança do Criador, em sua imanência transcendental, busca subir a escada de Jacó e ascender aos céus em sua carruagem *Mercavá*, para cumprir simplesmente o seu destino de religare da religiosidade, voltar a fonte de origem.

Como disse Kafka, o homem caiu do paraíso por sua pressa e não retorna a êle por sua preguiça. O caminho do desconhecido, se revela, paradoxalmente em um retorno, no reconhecimento amoroso do Criador pela criatura. Neste trajeto, rumo ao desconhecido, temos uma mandala que nos orienta, com sua luz, como um mapa, que é a Árvore da Vida. Ela nos protege, como um anjo ou como mestre, nesta jornada contra os perigos que vimos há pouco.

Pardes significa paraíso, cada uma das 4 letras (PRDS), as vogais são ocultadas) que compõe sua palavra em hebraico, indica uma forma do conhecimento. O primeiro é o sentido literal, ao pé da letra, é o sentido mais aparente do aparente. O segundo é o sentido metafórico, alusivo, que aprofunda e mostra o sentido oculto do

aparente. O terceiro é o sentido intuitivo, alegórico, mítico que aponta o sentido aparente do oculto. O quarto é o sentido místico, sentido misterioso do inefável oculto do oculto.

Estas quatro dimensões do sentido, se relacionam com cada uma das quatro letras do Tetragramaton, (*Iud, Heh, Vav, Heh*) do indizível nome divino. Assim como também com os 4 mundos que ensina a Cabala. O fogo de *Azilut*, o mundo da emanação é o primeiro, mistério dos mistérios da centelha divina, que ilumina e aquece. A água de *Briah*, o mundo da criação, é o segundo mundo, onde se gesta a aparência do oculto. O ar, sendo a oculta aparência que dá a forma, é de *Yetzirah*, o mundo da formação, o terceiro mundo. A terra, que é a realização da ação conjunta das anteriores é a aparente aparência da energia densificada em sua materialidade máxima, é *Assiah*, o quarto mundo. A ilusão que é *Maya* é considerar apenas como única a existência da aparência da aparência, que é o mundo da matéria.

O pilar central da Árvore da Vida, como veremos depois, tem uma estreita correspondência com o esquema acima. Este pilar da suavidade, como é chamado, é constituído de 4 sefirás centrais constituídas por *Malkut* (o nº 10), a realização do reino, plenitude da aparência. *Yesod* (o nº9), a fundação da sexualidade, em sua identidade de profundo desvelamento contínuo. *Tiferet* (o nº6), a beleza da verdade do amor, aparência do oculto que vincula o coração cósmico da Árvore da Vida. *Keter* (o nº1), a coroação do ser supremo na unidade superior oculta do oculto. O caminho de ascensão que sobe o pilar central é o mais difícil de todos, e é chamado de subida de Enoque.

O trabalho cabalista se dá com os pés no chão. Com eles iniciamos a nossa caminhada e voltamos, pois a Cabala implica em trazer a espiritualidade para o cotidiano. Assim na terra como no céu, seja feita Vossa vontade. A sacralização é do próprio corpo, como templo sagrado, como é do nosso meio ambiente, sendo Geia nosso lar materno, e também é de todas as interações existentes, a começar pelas próprias relações humanas, pois amando o próximo como a si mesmo sacralizamos a relação através do amor.

Até mesmo o foguete tem uma base de lançamento, a qual mantém contato e que também deve voltar a ela no final. A liberdade de ir e vir implica em bilhete de ida e volta. Assim, por exemplo, recomenda-se que se inicie os trabalhos da meditação cabalista, tal como a própria iniciação cabalista, no plano da ação de Assiah, o mundo da realização, e neste mundo focar em Malkuth, o reinado. Isto é possível

através de exercícios psicocorporais de conscientização. Da mesma forma, recomenda-se o retorno a este nível no fechamento dos trabalhos da meditação cabalista, para podermos realizar o ato de compartilhar e comunicar.

Nesta dimensão, que corresponde ao 'caminho de ouros', ou seja da materialidade, temos a décima esfera da Árvore da Vida que é Malkut, o Reino. Nosso reinado terreno implica na assunção em nosso próprio corpo de sua materialidade, com os seus 4 elementos, terra (carne e osso-sensações), ar (oxigênio e gás carbônico-pensamentos), água (plasma e sangue-sentimentos) e fogo (energia, calor e vontade desejante).

As taças sefiróticas são recipientes sagrados, portanto, são guardadas, sendo abertas e fechadas ritualizando o receber e o compartilhar. Nossas costelas, o nosso lado, são como a própria Arca da Aliança que encerra o tesouro do texto sagrado, letra e número, significante e significado, continente e conteúdo, que, tal como a forma e a força se integram na Unidade Maior.

presença feminina Divina que se chama Schechiná. Em todos os cultos e crenças existe o território sagrado, o templo de adoração, oração e contemplação. As terras sagradas, os terreiros e o próprio corpo são vistos como templo, que é o tempo sacralizado na eternidade espacial. Sentindo a importância do pé no chão, dançamos com os nossos índios e firmamos o nosso eixo.

Malkut é a única sefirá dividida em 4 quadrantes, representando cada um dos elementos. Neste reinado dos quatro elementos, percebemos como estes estão presentes no nosso corpo, formando o seguinte quadro dos 4 elementos do corpo humano:

Fogo	Calor, rubor, luz.
Água	Sangue, humores, secreções.
Ar	Ventilação, respiração.
Terra	Ossos, sustentação.

Adão quer dizer terra, *adamá*, dela viemos e a ela retornamos. A força telúrica, emanada da terra, é sentida ao trocarmos energia com ela quando nos enraizarmos com vitalidade em seu solo, sustentado por nossos ossos, esqueleto de densidade máxima que é o guardião da alma. Terreno onde aprofunda-se a raiz da crença e cresce o tronco da fé, para desabrochar na copa que retorna às raízes celestiais.

Malkut é o grande pêndulo da árvore da vida, apontando para a gravidade magnética da terra. Terra que é o planeta desta esfera. Ela é a única sefirá que recebe e não dá, sendo pois a concentração máxima de todas as emanações. Corre o risco de virar mar morto. Acatando com humildade sua carência podemos ver, por outro lado, que o nº 10 sendo equivalente a 1 pois $1 + 0 = 1$ nos mostra como a multiplicidade está encerrada dentro da unidade. Um está em todos e todos estão em um. Todas as esferas encerram as demais, dentro de uma concepção holográfica. É assim que está sefirá tem na sua unidade indissociada a existência dos 4 elementos. Sefira, diz o dicionário na p. 226 quer dizer contagem, era, e é uma palavra feminina.

A Analogia está sempre presente na filosofia mística, encerrada na máxima “assim na terra como no céu”, ou no cancionero que canta a terra do bemvirá “no sertão como no mar”. Desta forma analogamente aos 4 elementos podemos ver que o universo cabalístico considera a existência de 4 mundos ou universos:

דָּרָא שְׂפֵרוֹתַי

תְּפִירַת אֵשׁ

A Árvore da(s) Vida(s), pois ‘Chaim’ é tanto singular vida quanto plural, vidas, é composta de dez *sefirot* (plural de *sefirá*, da mesma raiz de *sefer*, livro) que significam eras, esferas, safiras, contas, contagem, números ou simplesmente taças, que recebem as emanações divinas e transbordam entre si o seu conteúdo, como vasos comunicantes sagrados. Seguem assim, ao pé da letra a própria tradição de receber e de compartilhar, que é a essência etimológica da palavra cabala ou cabalá. Assim, kab é uma unidade de medida relativa a volume, estabelecendo a relação conteúdo-continente, daí deriva em português caber e cabalar. O Cabalat Shabat, que é o recebimento do shabat-sábado, constituiu-se na consagração sacralizada do dia santo, o qual se inicia na sexta-feira a noite, pois o calendário judaico é lunar (como os sábás da lua cheia da magia).

A Árvore da Vida é uma árvore mítica, uma mandala simbolizando a perfeição. É um diagrama de auto-conhecimento, autodesenvolvimento e auto-cura. D-s é o seu Grande Geometra. Tal como todas as coisas, os números e as palavras a Árvore da Vida deve ser concebida como o seu próprio nome indica como viva. O oposto de morte é nascimento e ambos fazem parte da vida.

מַלְכוּתָא

Começamos terrenamente pela décima sefirá, a mais densa e a receptadora de todas. Falamos de *Malchut* ou *Malkut*, o Reino, o Reinado, a Reinação, a Realidade, ou a Realeza em sua concretude abstrata. Também chamado de Corpo Divino, a Passagem, o Portão, A princesa, a Noiva, a Mãe Inferior. Nela esta a presença do Rei enraizado nas palavras. Aqui se realiza o casamento da Coroa Real com a Rainha,

direito e esquerdo da Árvore da Vida discutida por vários autores. Entretanto, para evitarmos possíveis complicações podemos simplesmente concluir, e é óbvio, que D-s não tem lado, direito ou esquerdo, nem parte pois é a própria Omnidade, daí o mistério(místico) da criação através do Big-Bang do Tzim-Tzum originado paradoxalmente do Buraco Negro de Ayn, gerando o Infinito do Ayn Sof e a Luz Infinita de Ayn Sof Aor.

Como vemos, as associações são estruturantes dentro do universo cabalístico, em uma complexidade crescente, mas que trás consigo o paradoxo do retorno a simplicidade, na medida em que a unidade, que encerra a multiplicidade, é ela mesma originária do *Ayn* o Grande Nada. Vejamos então, como podemos associar a físico-química da vivência corporal biológica com o universo cabalístico.

ELE MEN TO	FISIO LO GIA	PSIQUE	LETRA	CARTA	NAIPE	MUNDO	SEFIRÁ
Fogo	Calor, rubor, luz.	Paixão, Vontade	Y	Rei	Paus	Azilut	Keter
Água	Sangue, humores, secreções	Sentimentos	h	Rainha	Copas	Briah	Tiferet
Ar	Venti- lação, respira- ção.	Pensa- mentos	v	Príncipe, Valete	Espadas	Yetzirah	Yesod
Terra	Ossos, sustenta- ção	Sensação	h	Princesa	Ouro	Assiah	Malkut

Nossa limitação humana para poder se transmitir os ensinamentos cabalísticos não permitem que alcancemos a totalidade de sua compreensão, que só poderá ser atingida, mesmo assim de forma mais aproximada, através das meditações

1. **Emanação ou Azilut.** O elemento é o fogo. É o Rei., o naipe é paus. Aqui é a luz infinita, tal como o descrevemos nos 3 véus do Grande Imanifesto. Rabi Luria ensinou-nos que a grande contração do Tzim-tzum Ayn Sof Ayn Sof luminosa, temos uma luz, centelha da vida, que se passa a criar. É a letra hebraica Yud y do Tetragramaton, que é o nome sagrado e secreto de D-s. Corresponde na Árvore da Vida a Keter.

2. **Criação ou Briah.** O elemento é a água, a grande gestadora. É a Rainha. O naipe é copas. A idéia germina até ganhar forma. A letra é o Heh h do Tetragramaton. Corresponde na Árvore da Vida a Tiferet.

3. **Formação ou Yetzirah.** O elemento é o ar. É o Príncipe. O naipe é espadas. Dá a forma até se realizar. A letra é o Vav. Corresponde na Árvore da Vida a Yesod.

4. **Realização ou Assiah.** O elemento é a terra. É a Princesa. O naipe é ouros. Ação manifesta dos quatro elementos. A letra é o 2º Heh h. Corresponde na Árvore da Vida a Malkut.

Deste modo, teremos 4 Árvores da Vida relativas a cada um dos 4 mundos perfazendo nesta primeira contagem (sinônimo de sefirá) um total de 40. Acontece que cada sefirá encerra nela mesma uma outra Árvore da Vida dando uma nova conta de $400 = 4 \times 10 \times 10$. Por outro lado na medida que cada uma delas encerraria outras tantas Árvores das Vidas poderíamos facilmente chegar ao número de 40.000.000.000 = 4×10 elevado a décima potência e é evidente que chegaríamos facilmente a concepção de infinitas Árvores da Vidas.

A Árvore da Vida nos serve como guia para o nosso caminho de transcendência em retorno a Unidade Divina. Nós, seres humanos, somos feitos a imagem e semelhança divina. Entretanto D-s não tem imagem que O contenha, pois somos im-perfeitos, mas procuramos refleti-lo interiormente e exteriormente. Somos as criaturas da natureza, a Sua semelhança, que tem em sua própria natureza a realização criadora. Somos criaturas que criam. Usamos assim a Árvore da Vida como um espelho, mas como tal, por mais exato e cristalino que seja, embora concretamente reais, criam imagens virtuais e invertidas. Nossa salda seria colocar espelhos paralelos entre nós que nos projetariam microscopicamente rumo ao infinito de projeções. Podemos daqui tanto extrair uma estrutura meditativa quanto uma possível compreensão, como veremos posteriormente, para a discussão dos lados

e do trabalho cabalístico. É preciso sempre se lembrar não só das interconexões existentes entre cada uma das sefirót, mas principalmente de que toda a Árvore da Vida está inscrita em cada uma das sefirót.

* דגל *

Quando nós nomeamos uma sefirá, dando um nome, uma identidade, correspondendo uma imagem de sons e letras a um determinado conceito ou emanção sefirótica já estamos em **Yesod** ou por outra no território malkutiano de Yesod.

Quando demos os nomes de cada uma da sefirót já adentramos no universo de **Yesod**, cuja tradução é Fundação, Base ou Fundamento. Embora as raízes da Árvore da Vida sejam em sua origem celestiais, conectando com Ayn, Ayn Sof e Ayn Sof Aor, estamos no nosso mundo realizado de Assiáh. Nele, é preciso ter uma base malkutiana para que se possa alicercar a fundação de uma construção, principalmente de uma árvore, com suas raízes bem plantadas em solo malkutiano.

Yesod é o fundamento, a base que possibilita as identificações*. Enquanto em Malkut temos a realidade concreta dos 4 elementos, fogo, água, ar e terra, em Yesod temos o mistério da vida propriamente dita. É aqui a sede do biológico sobre o físico-químico território de Malkut. É a partir da nossa própria essência vital biológica que captamos a vida dos cristais, através de um processo de ressonância vital. É este mesmo processo ressonante que articula as imagens formadoras da identidade do ego. Podemos ainda, visualizar como este triângulo forma junto com Malkut o equivalente ao átomo orgânico do carbono em sua tetravalência, confirmando assim o nascimento da vida nesta esfera.

Yesod é o Sod (= segredo) do Yud **Y** , (=mão) a primeira letra do tetragramaton que é o fogo da emanção. O segredo da criação está à mão na própria sexualidade, mas esta continua encerrando em si mesma o mistério de fonte de vida que representa. Yesod constitui-se sendo a sede do prazer. No triângulo da

* Temos basicamente 4 identidades. A nossa primeira identidade é enquanto coisa existente física, pois algo já estava acontecendo com a nossa futura mãe, em sua barriga, a segunda era de que este algo tinha vida própria animal, pois se mexia independentemente, a terceira era de se tratar da gravidez de um que pertencera a espécie humana e a quarta era que se tratava do gênero masculino ou feminino, que se constitui no próprio fundamento yesodiano da sexualidade e das identidades sexuais.

personalidade, como veremos, temos os 3 **P** , isto é, Netzah é **Posse**, Hod é **Poder** e Yesod é **Prazer**. **Púbis**, do qual deriva puberdade, é a região frontal da sexualidade e sacro de sagrado delimita a região dorsal da sexualidade yesodiana. Como nos ensina o mandamento esotérico, assim na terra como no céu, devemos tratar das coisas terrenas como celestiais e das celestiais como terrenas. Este é o mandamento cabalístico que mostra a sacralização da sexualidade. A própria base da sexualidade está aí presente.

Nunca é demais afirmarmos a essência divina da sexualidade. É como se tivéssemos através do êxtase do prazer carnal sexual uma aproximação a nível malkutiano de um vislumbre da passagem do orgasmo yesodiano ao êxtase místico ketérico. Da mesma forma que na Bíblia, em várias passagens tal como em Adão e Eva, a palavra conhecer é utilizada também como representante do conhecimento da intimidade sexual. Quando fazemos a conexão das Árvore da Vida em seus 4 mundos verificamos a co-incidência de Yesod de um mundo com a sefirá invisível de Daat (=conhecimento) do outro.

Yesod faz, com Hod e Netzah, o vértice inferior do triângulo da personalidade. Lembremos que persona, do grego, significa máscara, sendo o encobrimento sobre o rosto. Assim, Yesod representa o ego enquanto defesa e aparência da essência do ser, o seu Self, que está em Tiferet. Na própria coluna do meio, ou da suavidade, podemos perceber que Yesod está entre Tiferet acima e Malkut abaixo, funcionando como uma interface entre o self, a essência do ser, e a realidade dos quatro elementos. Assim, a sexualidade identificatória da fundação yesodiana está em um difícil equilíbrio entre estas instâncias imperativas da essência tiférica com a realidade malkutiana.

Cada sefirá tem uma contrapartida negativa, chamada de “**qlipoth**”, isto é, carapaça, couraça ou vício. Em Malkut podemos verificar que sua resistência à mudança, que o caminho da transcendência supõe, tem na própria inércia seu pecado maior. Maya é a ilusão de achar que só o mundo material existe. Aqui em Yesod a questão é o apego, prisão do prazer, tantas vezes confundido com o amor tiférico. O apêgo aos fundamentos é a base do fundamentalismo. Quer seja dos vários fanatismos religiosos quer o fundamentalismo sexista dos prazeres descartáveis.

Enquanto o “Relâmpago Flamejante” é o caminho da densificação, tendo a encarnação física malkutiana seu ápice, seguindo o percurso inverso do “Relâmpago Flamejante” temos, no caminho da ascensão, indo de Malkut à Keter, o “Caminho da

Serpente’. Éle nos remete de um lado ao retorno edênico com a serpente subindo na Árvore da Vida e por outro lado a concepção oriental da subida da ‘Kundalini’, ou ainda ao próprio cajado mercuriano que é representante desta sefirá seguinte que é **Hod**.

7

Na numeração decrescente das sefirót chegamos a sefirá nº 8 que é **Hod**, que significa glória, esplendor, tendo como representação os pensamentos. O desenho do nº 8 é o das serpentes do Kundalini enroladas no infinito. Em Hod está a serpente em sua primeira volta da subida, a partir da sexualidade de Yesod. Nesta esfera de Hod o planeta correspondente é mercúrio, com todos os seus atributos relativos à comunicação, com a velocidade das asas nos pés, que liga vários mundos, nem que para isso use da dissimulação, unindo tanto o mítico aqueronte profundo com o mundo da superfície quanto no comércio no intercâmbio entre povos. É magia que transforma cajado em serpente e de que sabe extrair do seu veneno o remédio que cura, pois mercúrio também é símbolo médico, caminhando no domínio da morte. Sua virtude é a veracidade e seu vício é a falsidade.

Percebendo a geometria da Árvore da Vida, verificamos que existem 3 Colunas ou Pilares, o da direita, masculino, é o da Fôrça, tendo Netzah em sua base, e Chochmah em seu topo, o do centro é o do Equilíbrio ou da Suavidade, tendo Malkut em sua base e Keter em seu topo e o da esquerda, feminino, é o da Forma, ou Severidade, tendo Hod na sua base e Binah em seu topo. Afinal é o pensamento que dá uma forma àquilo que vivenciamos. Podemos ver ainda que a Árvore da Vida é composta de 3 Triângulos principais. O superior, formado por Keter, Chochmah e Binah é chamado de Superno ou Celestial, o intermediário formado por Hessed, Guevurah e Tiferet chamado de Ético ou Estético e o inferior formado pelo três “P” por Hod=Poder, Netzah=Posse e Yesod=Prazer chamado de triângulo Astral, Mágico ou da Personalidade.

Reparemos ainda que este tripé da personalidade se consubstancializa em Malkut, formando um tetraedro, tendo como base triangular Hod, Netzah e Malkut e o vértice superior coroado por Yesod. Esta geometria nos remete a figuras como a pirâmide, usada como base da vida além morte e ao próprio átomo de carbono, base da vida orgânica. A própria sexualidade yesodiana, devidamente colocada em seu

crescer e multiplicar, revela-nos tanto a afirmação do instinto da sobrevivência, pela identidade do ego, quanto afirma a conservação da espécie através da lei procriadora. Em termos esotéricos trata-se ainda de afirmarmos a mística do Prazer como contrapartida à mística do sofrimento. A significação da serpente do Kundalini é de não se prender ao prazer, reconhecê-lo não significa anulá-lo, mas obter daí a força necessária para o próprio crescimento pessoal, que também é o espiritual.

Na numerologia cabalística verificamos que enquanto o 0=zero é o nada que abre o espaço para a criação, o 1=um=I é o ponto que inicia, estando presente em todos os números e o 2=dois=II é a linha que une dois pontos o 3=três=III é a unificação das linhas formando a primeira figura geométrica, encerrando em si as 3 dimensões, do comprimento, profundidade e largura. Quando falamos do equilíbrio entre dois extremos, devemos mais pensar em um terceiro termo que os une do que em um meio termo, morna terra de ninguém. Este terceiro termo atravessa sim o meio, como o leito do rio atravessa o curso entre as suas duas margens ou ainda como a flecha entre os extremos de um arco, na medida em que a tensão entre eles possibilita que se gere uma força que faz com que a flecha perpassa-os e seja lançada, cumprindo assim, sua missão em direção ao alvo.

O mistério da Santíssima Trindade aponta exatamente para a unidade que está presente na trindade, o Três sendo Um indica o grande retorno da união entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Assim também é na tríade estruturante familiar de todos nós, “eu, meu pai, minha mãe”, no cumprimento do nosso destino, reconhecendo e transformando o nosso Karma, que é o saldo existencial, em Dharma, que é o salto do retorno à Unidade Divina .

Tal como nos imãs e nos rios, é impossível se retirar um dos pólos, ou margens, negativo ou positivo, pois um não existe sem o outro. Os pólos se evidenciam em seus contrastes, como tese-antítese-síntese se realizam na construção triangular. Nos triângulos da Árvore da Vida verificamos a existência de uma polaridade entre as esferas situadas no pilar da Severidade ou da Forma com aquelas do pilar da Fôrça ou da Grandeza sendo que encontram o seu equilíbrio harmônico no pilar central da Suavidade. Assim, o ponto de equilíbrio entre Hod e Netzah é Yesod que aponta em direção a Malkut.

DESAPREGO O EGO



Para compreendermos efetivamente uma esfera precisamos fazer o contraste com o seu par polar. Quando falamos da Glória, que significa **Hod**, só a concebemos devidamente na referência à Vitória, ou Firmeza, que é **Netzah**. Esta esfera situada na base do pilar direito, da força, do positivo e do masculino, é representada pelos sentimentos.

LOUVOR

**CANTO AO SENHOR CANTO AO SENHOR
EM SEU LOUVOR EM SEU LOUVOR
Ó ESPLENDOR Ó ESPLENDOR
TENS MEU AMOR TENS MEU AMOR**

**NÃO, NÃO NIEGO
NEM TI RENIEGO
A TI ME ENTREGO
ME DESAPREGO**

**NÃO, NÃO NIEGO
NEM TI RENIEGO
A TI ME ENTREGO
ME DESAPREGO**

**DESAPREGO O EGO
DESAPREGO O EGO
DESAPREGO O EGO**

HOD	NETZAH
8	7
Esplendor	Eternidade, Perpetuidade, Imutabilidade
Reverberação, Reflexo	Fulgor
Glória	Vitória
Mercúrio	Vênus
Poder	Posse
Pensamentos	Sentimentos
Moldura da Forma	Firmeza da Força
Ciências	Artes
Virtude da Honestidade- Vício da Falsidade	Virtude do Desprezimento Vício da Luxúria

O número 7 é o desenho do 1, que é a representação do ser humano, resuscitado na crucificação. Sete são os céus quando se vê a Árvore da Vida de perfil, combinando com os 7 chakras. Assim, do nosso lado direito em Netzah temos os sentimentos que dão a força do conteúdo afetivo ao pensamento e do lado esquerdo em Hod temos os pensamentos que dão forma aos sentimentos. Como o 7 antecede o 8, temos que a Vitória é anterior a Glória, mas é no crescimento do 7 para o 8 que os sentimentos vitoriosos de Netzah pela sua imperiosidade tomam posse e se representam através da formatação ou formulação dos nomes de poder dos

תפירת

pensamentos hodianos, para se realizar no prazer procriativo do 9 yesodiano, o qual retorna ao zero e reinicia o ciclo no 10 malkutiano.

As combinações se dão entre as próprias sefirot entre si, ainda mais que cada sefirá encerra em si mesma toda a Árvore da Vida. Neste sentido, as emanações entre as sefirót que tecem caminhos entre si, quer pela sua matemática numérica e geométrica, quer pela sua linguagem hermética dos nomes próprios conectada foneticamente na rede de significantes e significados simbólicos, com as abreviações, aliterações e jogos combinatórios infinitos da Cabalá ou ainda referida também a importância da poesia, pela verdade tíférica que ela encerra. Noéticamente, eticamente e esteticamente intercambiam seus próprios conteúdos, dando-se e recebendo-se cabalisticamente umas às outras.

Uma metáfora bem brasileira seria ver a Árvore da Vida deitada como se fosse um jogo de bilhar, só que é jogado em pé, com as raízes no espaço. As energias entre as esferas seriam transferidas entre si estabelecendo relações entre a ação das quantidades com as qualidades, ou por outra, pela relação entre a força e a forma.

As sefirót interrelacionam-se entre si, como Netzah está embaixo de Hessed, que é Abundância, sofre sua influência vertical e tem uma fatura de provisão sentimental. Por outro lado, a partir de baixo receberá de Malkut a carga instintiva, de Yesod o frenesi desejante e de Tiferet sua conexão intuitiva. Vejamos como podem ser correlacionados com nosso futuro estudo sobre os caminhos, seguindo os arquétipos do Tarô.

	Netzah	Arquétipo
Hessed	Abundância	<i>Roda da Fortuna</i>
Malkut	Instinto	<i>Lua</i>
Tiferet	Intuição	<i>Morte</i>
Yesod	Desejos	<i>Estrêla</i>
Hod	Pensamentos	<i>Tôrre</i>

Chegamos a **Tiferet**, a sefirá de nº 6, subindo pelo caminho ascensional, atravessando o “*Portal dos Homens*”, na divisória do triângulo da personalidade, deixando-o para trás. Nesta travessia diagonal das sefirót Hod e Netzah chegamos até a coluna central, que é chamada coluna da suavidade ou da mansidão. Nesta passagem temos um véu. A palavra Paroketh quer dizer literalmente véu, cortina, daí o termo que se difundiu, embora redundante, de Véu de Paroketh.

A Cabala encerra infinitas possibilidades combinatórias. É uma instigante viagem que combina de um lado, o sedentário porto-seguro de sua própria mandala¹, a Árvore da Vida, e por outro lado, com o nomadismo de quem reconhece a importância do lugar do exílio². O trânsito destas vias é intenso, ainda mais quando consideramos não só os caminhos internos de cada Árvore da Vida, mas também entre as Árvores de cada um dos quatro mundos³. Cada uma das quais com seu próprio colorido daquele mundo específico, possibilita um indescritível cenário com suas infinitas nuances multicores.

Tiferet é a suavidade da suavidade, seu nome quer dizer beleza. É a sefirá central da Árvore da Vida, o seu grande centro octogonal, conectando-se com todas outras sefirot, exceto Malkut. É simbolizada pelo sol central e irradiante. Acima liga-se as 5 superiores e abaixo com as 3 inferiores. Enquanto o triângulo superior representaria o *Grande Rostó*⁴, *Arik Anpim* ou *Macroprosopus*, **Tiferet** seria o centro do *Pequeno Rostó*, *Zoar Anpim* ou *Microprosopus*, constituído das outras 6 sefirót.

¹ Mas que não se deva cair no fácil engodo da idolatria, transformando-a em ídolo.

² O exílio é referido em várias passagens. Já no início com o Tzim-tzum, que é uma espécie de Auto-exílio de D's na criação do mundo, quando Ele retirou-Se de Si Mesmo criando o Ayn (desse Nada luminoso se criou por fim o Any, que quer dizer Eu). Adão na queda sofre o desterro, bem como se exilam os filhos de Jacó na emigração para o distante Egito.

³ Emanação, Criação, Formação e Realização, fazendo com que coincidam no pilar central o Keter de uma com o Tiferet de segunda e também com Malkut da terceira.

⁴ Para alguns autores o *Macroprosopus* estaria centralizado em Kether e para outros *Tiferet* também faria a sua base.

Caminhar pelos caminhos da Árvore da Vida, ora para a esquerda, ora para a direita exige equilíbrio. É o próprio movimento em torno do eixo central que traz o ritmo. É o equilíbrio da balança na gíngua do jogo de cintura serpenteante, rastejando em Malkuth, baseando em Yesod, circulando em glória no infinito 8 de Hod, vitoriosamente em Netzah, aportando em Tiferet. É como andar de bicicleta na qual é o próprio movimento polar central, do pedalar e das rodas, que traz o equilíbrio rítmico. Nisto é essencial olhar-se para frente, bem como saber parar, até poder fazer curvas. Até suporta-se dores das quedas pelo prazer de crescer. Aprendendo, incorpora-se e nunca mais se esquece. Imaginemos agora a bicicleta subindo a escada de Jacó, já que esta revela que todo o lugar é santo, pois em tudo D's está presente.

Em Tiferet representa-se o sacrifício, isto é o sacro ofício da renúncia, sem negação. Para se renunciar algo é preciso antes tê-lo. É preciso ter um ego yesodiano fincado em Malkuth para poder dele desaparecer. Desapegá-lo não é estraçalhá-lo, mas simplesmente deixá-lo em seu devido lugar, sem deixar-se enganar pela ilusão da matéria-*Maya* como se esta fosse a única realidade, mas sem negá-la verificar (que quer dizer tornar verdadeiro) que o ego é a interface entre o self e a realidade, ou seja, ele é o fundamento, dentro da concretude corporal malkutiana, da essência do self, que de verdade é Tiferet.

Tiferet tem vários símbolos, do sol como já vimos, do cordeiro, da criança e da cruz, os quais remetem ao amor e a renúncia. Já na primeira família bíblica encontramos o tema da renúncia, que é implícita no ato de amor e explícita na doação do sacrifício. Caim comete o primeiro crime da humanidade, ao assassinar o irmão, o que representa o genocídio de ¼ da população. Recusa-se a admitir que a oferenda feita por Abel fora aceita pelo Senhor mas a sua não. Enquanto Abel sacrificara e ofereça a sua parte animal, Caim só entrega sua parte vegetal. Nega-se a reconhecer que na verdade ele mesmo não fizera realmente uma renúncia na sua própria oferenda, não entregando o melhor cordeiro, acaba por substituí-lo fazendo o holocausto do próprio irmão. Não busca o questionamento de si que faz crescer e se desvia (que etimologicamente é pecar), assim como fizera a fumaça de sua falsa oferta, que não subira aos céus, não realizando a verdadeira doação do bem e dos bens. Noutro relato bíblico sôbre o sacrifício, Abraão se dispôs a devolver ao Dono o empréstimo da jóia milagrosa que seu filho Isaac significava. O sacerdócio sacrificial está aqui presente no *Agnus Dei*, o Cordeiro de D's, que substitui a criança, como o cordeiro pascal, fazendo-se a grande aliança divina, simbolizada ainda na circuncisão. Aliança que

ainda será redimensionada na representação crística do Filho de D's encarnado, sacrificado na cruz.

Tiferet é a Inteligência Mediadora, o centro do escudo protetor do coração que é a estrela de Davi. Esta representa e significa que assim é na terra como no céu. A estrela se forma pela superposição de um triângulo apontando para cima, em direção à Keter, tendo como vértice superior Daat com o outro triângulo, que aponta para baixo em direção à Malkut, tendo como vértice inferior Yesod. Nesta estrela temos o equilíbrio dinâmico nas laterais superiores entre Fôrça-Misericórdia ou Guevurá-Hessed e nas inferiores Glória-Vitória ou Hod-Netzah, assim como no eixo vertical lateral esquerdo entre a força da glória e a glória da força e no direito entre a misericórdia da vitória e a vitória da misericórdia, mas temos ainda o equilíbrio do duplo conhecer entre a ponta inferior de Yesod, conhecimento íntimo da sexualidade, e a ponta superior no conhecimento expressivo de Daat⁵.

O pilar central é da consciência. O vício de Tiferet é o orgulho (assim como é a soberba na fixação yesodiana) e a virtude é a devoção. Tiferet é o Trono de Salomão onde reina o senhor do conhecimento superior e inferior. A inteligência mediadora de Tiferet é a interface intuitiva destes universos virtuais, porém verdadeiros, integrando o mundo superior com o inferior. Tiferet é o sol da alma. É o centro de cura para a harmonia universal. O escudo de Davi é para protegê-lo e curá-lo. Cura é a ressurreição da criança assassinada renascendo da renúncia à redenção em Tiferet.

Uma sugestão de exercício é colocar no pilar central terra, lua e sol. Contatar como sol tiferico deixando que os raios dourados irradiem a partir do plexo solar-cardíaco o sol da cura, indo da renúncia da entrega e aceitação à redenção do perdão. É preciso abrir o coração para a beleza da verdade e a veracidade do belo. A Beleza é autêntica em sua intraduzibilidade, assim como a Verdade. Mesmo que o chamemos de harmônico ele também é harmônico pela força hormonal que o contem e que faz produzir efeitos. Na grécia havia a figura do Aedo, que era o poeta-cantor que levava a verdade em sua beleza aos 4 cantos.

A força de vontade, necessária a disciplina, também precisa se equilibrar com a boa vontade, sendo que esta ponte se realiza pelo amor. A inteireza da Árvore da

⁵ Este por sua vez, tem a função invisível de centro de sustentação do pêndulo entre Hessed e Guevurá, mas essencialmente é o centro da antena parabólica para as esferas superiores, captada em Tiferet e expressas em Daat.

Vida lembra-nos ainda das reverberações e glorificações hodianas, junto com a conquista da vitória netzariana e com o inofismável prazer yesodiano na realização malkutiana. O equilíbrio é da Árvore como um todo, o qual está presente em cada uma das sua dez ramificações ou sefirót.



TIFERET
Beleza
Embevecimento
Centro Estético
Centro Ético
Verdade
Amor
Self
Centro Octogonal
Cereja da Taça
Romã do Jardim
Centro da Suavidade
Coração da Árvore
Sêlo de Salomão
Estrêla de Davi
Morada do Avatar
Diamante do Filósofo
Zoar Anpim -Pequeno Rosto-
Microprosopus
Harmonia Unificadora
Véu de Paroketh
Véu do Templo
Porta do Arco-Iris
Sol
Ouro
O Rei

Guevurá quer dizer Fortaleza. Como estamos subindo pelo caminho da serpente, que é o inverso do Relâmpago Flamejante, chegamos a quinta sefirá. Para que a Lei seja cumprida é preciso que haja a força, o seu braço forte. Uma força que é sentida pela batida forte do coração. O coração é antes de tudo um forte, uma bomba pulsando incessantemente. O respeito que é merecido se dá por bem ou por mal, pois é preciso saber proteger os ataques ao coração.

Guibor em hebraico é forte e Guadol é grande . Atributos da emanção divina que são a Grandeza de **Guedulá**, o outro nome de **Hessed**, equilibrada com a Fortaleza que é **Guevurá**. Forte e Magnânimo é o Senhor. **Din**, o outro nome desta 5ª sefirá, quer dizer julgamento e também é outro nome de Guevurá. O Julgamento aqui deve ser entendido na sua profunda dimensão celestial , sem esquecer de referenciar-se à terrena, sendo esta o espelho daquela, embora muitas vezes deformado. A nossa missão é realizar a correção, chamada de Tikun, tanto de si mesmo no Tikun a Lev (coração) quanto do mundo, no Tikun Olam (mundo), sendo os dois na verdade um só.

O Julgamento é firme e rigoroso, como um fio de aço-laiser, e equilibra-se com a Misericórdia, que se chama **Rachamin**, o outro nome de **Hessed**. Pois Ele é Justo e Misericordioso. A resultante projetada desta equilibrada tensão é ternária :

1. **Triângulo Ético** . Centrando em Guevurá, encontra o rigor na tríade natural do Bem.
 2. **Triângulo Estético**. Centrado na Verdade de Tiferet, encontra-se aí a Beleza na renovação e ressurreição que o amor tiferico tem no sacro-ofício da renúncia.
 3. **Triângulo Misericordioso**. Centrado na compaixão hessédica, reencontra a fonte no vigor do amor.
- No mantra **RAM**, que entoamos meditativamente, realiza-se o equilíbrio entre o **R**igor-Guevurá o **A**mor-Tiferet com a **M**isericórdia-Hessed . Pronuncie-o, colocando cada letra no triângulo corporal, isto é, com o **R** no ombro esquerdo, o **M** no direito e o **A** no coração.

Ensinar ética, estética e amor é uma das questões mais difíceis do ser humano. A própria palavra educação já nos aponta para uma polaridade presente em seu elemento *ductere*, que é colocar no ducto, conduzir no caminho e *ducere*, que é a doçura para se fazê-lo. Educar é estar no equilíbrio entre a firmeza com a candura, pois o amor não é frouxo, mas firme, nem é aprisionante pois liberta.

Pachad, o outro nome de **Din** ou **Guevurá**, quer dizer Temor (palavra que encerra em suas letras o anagrama da palavra Morte). O patriarca Isaac está aqui representando, pois mais do que ninguém sentiu o medo quando viu a faca empunhada por seu pai Abraão, obediente ao mandato do Senhor de sacrificar seu mais valioso tesouro, o próprio filho. Ser temente à D's é o único temor realmente prescrito. É o respeitoso sentimento de reverência diante de sua Grandeza e Fortaleza incomensuráveis, que são até mesmo maiores do que as fúrias da natureza, como o vento e o mar. Não confundir, entretanto, com a perseguição das assombrações que é uma criação do mal.

O planeta regente de Guevurá é Marte, o deus da guerra. Na Umbanda seria Ogum, o santo guerreiro contra o dragão da maldade, na célebre configuração de São Jorge. É o corretor, que vem com o corretivo.

As Clavículas que são os pequenos ossos do ombros, são assim chamadas pois querem dizer chavículas, pequenas chaves. São as Chaves de Salomão, que servem para abrir as portas do coração tiferético. São 2 chaves, uma de cada lado, complementares entre si. O coração é guardado em um cofre de dois segredos, já que guarda a beleza e a verdade em Tiferet. É da junção das 2, como metades complementares que compõem o medalhão sím-bolo, que se abre suave e firmemente o portal dos homens, com firmeza e carinho, a força de vontade representada por Guevurá e do outro lado a jeitosa boa vontade de Hessed.

Os arcanos associados aos caminhos da quinta sefirá são a fôrça, a justiça e o eremita. Neste percurso do triângulo médio da Árvore da Vida existe uma correlação entre os seus caminhos e os arquétipos da seguinte forma:

Caminho	Arquétipo	Arcano Maior	Caminho	Carta
Hessed-Guevurah	Tzadik-O Justo	A Justiça	19	8
Hessed-Tiferet	Santo	O Eremita	20	9
Guevuráh-Tiferet	Sansão	A Fôrça	22	11

É em Guevuráh que se realiza a correção, retirando-se os excessos com a espada flamejante. Estão nela a Disciplina e o Rigor (etimologia da Yôga) necessários à evolução. O pentagrama está presente na estrêla do xerife, também colocada do lado esquerdo do peito. Guevuráh tem no pentagrama e mais especificamente na estrêla de 5 pontas a representação simbólica do próprio homem, com os braços e pernas estendidos. Nesta sefirá está o verdadeiro motivo de força maior, este braço forte da Lei Divina, corretivo e disciplinador.

O número 5 forma o pentágono e o pentagrama, que é a estrêla de cinco pontas. Esta estrela de 5 pontas representa o homem. Quando a ponta da estrêla é invertida é a sua sombra negativa, aparece na forma do diabo ou dia-bolo, dia=separar e bolo=partes, o que separa as partes. Satã é o tentador ou testador, aquele que coloca o homem à prova com suas tentações. Homem que no seu re-ligare cria o símbolo, onde sin=união. Neste sentido, o pentagrama invertido seria a inversão dia-bólica desta separação ao invés da sim-bólica do trabalho da unificação.No Éden e depois com Caim a vitória é da separação, enquanto que em Jó, Abraão e Cristo a unificação prevalece.

O lado esquerdo é considerado sinistro, em todos os sentidos, de azar à desastre, mas é sempre temível pela sua força. A correção verdadeira é a firmeza necessária para colocar o homem ereto, realizando sua missão de integrar o mundo de cima com o de baixo. O homem é ereto, sendo a espécie original que se expõe frontal e verticalmente com todos os seus órgãos dos sentido coração e sexualidade, necessários para fazer esta conexão.

Nos tratamentos e curativos Guevuráh está presente, neste triângulo da cura, por exemplo, na auto-disciplina do tratamento sabendo que o que arde cura e o que aperta segura. O dever missionário do médico é buscar sua obra divina na sedação da dor. “ Sedare dolorem opus divinum est”. É o mal necessário que o cirurgião cósmico realiza no nosso processo de aprendizagem, realizando o corte necessário para evitar o mal maior. Podem se ir os anéis desde que fiquem os dedos. É do alto que se faz parar todo avanço transgressor, mesmo que disfarçado, tal como na proliferação cancerosa das células, ou no excesso do sentimentalismo culpabilizador.

Está presente em Guevuráh a essência da filosofia do bom combate. É a mão forte do bem em combate. O maior e pior disfarce do mal é o próprio bem. Muito mais do que ser contra o mal trata-se de ser principalmente forte a favor do bem.

הַפְּחָד

Neste embate sofremos perdas que são necessárias. Tal como na primeira dentição que ocorre para a consolidação permanente posterior do processo evolutivo.

Guevuráh é o raio que cai em nós com seu clarão para iluminar e que com seu fogo abre uma clareira demarcatória. É necessário se abrir espaços para melhor se ver e habitar. É o clarão necessário, que se dá pelo corte para sair da escuridão. Lembremos, porém, que tudo isto se dá por merecimento, ou como diz-se no Norte por merecendência, aliada a sua excelência. Fazer justiça também é devolver ao dono de direito o seu bem.

Um dos símbolos de Guevuráh é uma espada. Uma espátula que retira a massa que sobra na fôrma, evitando-se o desperdício e possibilitando o seu aproveitamento em uma nova forma, tal como é a transmigração das almas na reencarnação. Sabendo usar não vai faltar. Esta possibilidade de uma reciclagem é a verdadeira função do fogo dos infernos, é o metabolismo decompondo e transmutando nos elementos mais simples, sendo que em Hessed realiza-se a síntese de novos elementos.

A palavra Deus em português vem de dar, como nos canta Chico Buarque. Diz que D's dará. Como dissemos, quando queremos nos referir ao nome sagrado Dêle usamos esta abreviação para referir de um lado para o seu indizível e impronunciável nome, não dizendo seu santo nome em vão, tal como prescreve o mandamento, e por outro retiramos o eu de sua escrita quer como ablação das vogais, como no hebraico, que na designação do desapêgo ao eu-ego no caminho da ascensão.

Hessed encerra em sua grandeza a força a partir do reconhecimento da fraqueza humana. O homem é forte o bastante para suportar e sobreviver a tantas adversidades, como desertos e geleiras, favelas e campos de concentração. Mas, por outro lado, também é frágil o bastante para se desmontar com um olhar ou palavra mal dirigida. Como o cristal é frágil mas nem por isso menos nobre. A miséria humana se presentifica na própria palavra miseris-cordis, assumindo nosso miserável coração.

O pilar esquerdo recebe o seu nome de Guevuráh, chamando-se de Pilar da Severidade. Este equilibra-se do lado direito com a quarta sefirá que é **Hessed**, que do mesmo modo dá o seu nome de chamando-se este de Pilar da **Misericórdia**.

O risco qlipótico, de um exagero hessédico, é de uma possível indulgência, ou autocomiseração Sua correção se dá em Guevuráh, que não aceita a justiça como impunidade em consequência da própria lei do karma, lei da causa-efeito. Nela, o desvio do alvo, etimologia da palavra pecado, traz simplesmente consequências. Na escola das vidas a lição só termina quando se aprende. Assim nos diz a professora guevurah, mas ganhamos um bônus de vida na grandeza hessédica de uma segunda chance, recuperação ou segunda época. A Lei do eterno retorno pode ser do mesmo ou do novo no livre arbítrio.

Para não cair na tentação da humilhação, um exagêro qlipótico com a rigidez ou crueldade guevurótica, tem-se o seu antídoto na grandeza hessédica do amor tíférico. Este é revelado através da clemência do perdão, que é da ordem da humildade da compaixão ou compadecimento. Perdão que é dado pelo reconhecimento do arrependimento sincero. É a condição de possibilidade para a boa nova, novo mundo, nova vida renovada. A humildade verdadeira, presente no equilíbrio, é reconhecer na nossa pequenez a importância dentro da cosmogonia. Somos importantes pela capacidade de amar e realizar o caminho do retorno. Temos anjos a nos guardar e legiões a nos tentar, o livre arbítrio é nosso.

As lágrimas sinceras são dádivas Divinas que estão presentes nos estados de graça maior, na grandeza da exuberância da vida em êxtase, como na Schechiná

revelação malkutiana da natureza, bem como refrescando a dor da perda, presenteada pelo perdão. Perda maior é o padecer em vão pois a ilusão também faz sofrer. Admitir o engano, como na simplicidade do equívoco telefônico. Por isso também, a importância mais significativa na volta do filho pródigo, como se da morte resuscitado, pois ao experimentar o outro lado, submetendo-se ao teste e a tentação, ou seja, ao transpor o limite qlipótico realiza sinceramente, pelo livre arbítrio, o seu retorno.

Façamos a meditação equilibrando a severidade com a misericórdia integrando-as na aceitação da severidade misericórdiosa com a *miseri-córdia severa*. Ao sentirmos nossos ombros retomemos o nosso percurso até aqui. Percorremos um caminho de subida da escada de Jacó, como é conhecida a Árvore da Vida. Começamos no reinado do reino, onde Malkut realiza a realza da realidade. Identificamos a viva vida, sentindo a sexualidade movimentada em Yesod[†]. Transitamos em nossos quadris pela ligação entre a vitória dos sentimentos de Netzah glorificada pelos pensamentos de Hod, atingindo o cerne em Tiferet.

O quadrado, com sua estabilidade, representa Hessed. Remete-nos às quadrinidades, como as estações, os elementos, os estados da matéria, os pontos cardiais, etc. Em **Hessed** coloca-se a figura dos mestres, espíritos de luz, que generosamente optam em ficar na terra, conosco, nos acompanhando e ensinando-nos o feliz compartilhar. É a cruz do Hierofante representando a Árvore da Vida.

Nossa dificuldade em sermos mais generosos provem da nossa desconexão com a verdadeira fonte, com sua absoluta abundância. Lugar da fé na Divina Providência, **Hessed** é o verdadeiro Banco da Providência, onde ninguém é tão pobre que não possa dar, nem tão rico que não possa receber, como nos legou cabalisticamente Don Hélder.

Nesta quarta sefirá, que é também chamada de **Gueduláh**, Grandeza, habitam a caridade (caritas), a piedade[‡] (pietá) e a clemência essenciais ao processo de cura e desenvolvimento. A verdadeira entrega é divina. Entregar à D's, é a verdadeira via médica da natureza, já preconizada pelos antigos, onde o paradoxo curativo se realiza

[†] A *Qlipoth* aqui é a própria túnica de pele, oferecida quando houve a queda. O pelégo é aquele que veste falsa e fingidamente passando a pele do outro para ter a sua aparência, tanto da pele de cordeiro quanto da do lobo.

[‡] Vamos com Cazuza pedir piedade ao nosso lado careta e covarde.

naquilo que não tendo remédio remediado está, pois é crer e ver a vida miraculosa que se realiza a todo momento.

É preciso ver que a gênese está presente sempre, o tempo todo. A eternidade é aqui e agora. O retorno do êxodo trouxe-nos o Maná que alimenta o deserto da existência, na nossa travessia do exílio para a terra prometida. Maná que não precisa se acumular, pois é sempre renovado a cada dia no pão nosso pelo Pai nosso[§]. É o milagre da multiplicação dos peixes, pães e vinhos, regando a festa dos homens. Alegria que rompe muralhas, como ensinou Baal Shem Tov, o fundador do hassidismo, que é tão necessária para o milagre da restauração, do concerto curativo, da cicatrização e da ressurreição. Tal como na hóstia consagrada, em Tiferet.

As virtudes de Hessed são a obediência divina, o acatamento e a rendição da entrega necessárias a redenção tiférica. O vício é o fanatismo, presente em todos os fundamentalismos, assim como a hipocrisia. Quanto a Guevuráh suas virtudes são a energia, a coragem e o respeito sendo seus vícios a crueldade, a destrutividade e a tirania. Atravessando-se a violência extremista atinge-se a suavidade harmônicamente tensa do equilíbrio. O caminho do meio, tal o Tao em sua indescritibilidade do todo, é a união tensionada dos extremos do arco, no qual atravessa como flecha o fluxo da vida. Meio também é método, o como ir de um ponto a outro.

Adão mortaliza-se ao ser afastado da Árvore da Vida Edênica. Homem imaturado por ter sido pré-maturo ao comer o fruto do conhecimento antes da hora. Apressado come cru, passa mal. Saber esperar é arte da paciência ou a ciência da paz em Tiferet. A paciência é filha da esperança hessédica, certeza do porvir providencial. A Cabalá nos ensina a seguir os caminhos da Árvore da Vida como método de aperfeiçoamento humano na missão de refletir a imagem e semelhança religando ao Criador.

No dia da ex-piação, purificação do Yom Kipur, se lê sobre Jonas querendo ser mais realista que o Rei, pois não queria levar ao povo de Nínive a mensagem (anjo = mensageiro), que lhes dariam a oportunidade de uma possível reparação. Êle desobedece no seu próprio exagêro guevurótico.

Ainda sobre este dia, o mais sagrado de todos no judaísmo, conta-nos a tradição de pedirmos a cada um dos 4 anjos que nos guardam e acompanham, um de

[§] Mesmo quando junto com nossos companheiros comemos o pão que o diabo amassou.

cada lado, um na frente e outro atrás. Ao da direita, hessédico, pede-se para se anishtar, olvidar e relevar, ao da esquerda, guevurótico, de lembrar-nos do que não se esquecer, para não se repetir velhos erros, e nesta mesma correlação, ao de trás pedimos para nos empurrar, incentivando sua confiança hessédica na busca certa do merecimento e ao da frente, disciplinando guevuroticamente, solicitamos o andar para não quebrar o nosso santo barro.

Busca-se neste dia decisivo meditarmos sobre o triângulo ético/estético realizando o *Tikun* (correção guevurótica) com a devida *Kavaná* (intenção hessédica) realizando a redenção através de Tiferet para atingir o *Yichoud* (unidade ketérica refletida tiféricamente). É a santíssima trindade de 3=1, realizada no número 4 que é a graça do estado de graça de ser Hessed.

HESED (miseri-córdis).	GUEVURÁH (fortaleza).
GUEDULAH (Grandeza, Magnificência).	DIN (Justiça).
RACHAMIM (Generosidade,Providência).	PACHAD (Medo Aterrador, Temente).
Nº4 , Misericórdia, Tolerância, Expansão.	Nº5 , Severidade, Intolerância, Contração.
Dá a Vida, Afirma o Bem.	Retira e Modera a Vida, Nega o Mal.
Compaixão, Clemência, Piedade,Esquecer,Anishtar.	Julgamento, Lembrar, Cobrar.
Graças, Gratidão, Fé, Idealista.	Eficiência, Excelência, Ética, Realista.
Santo ("Atire a 1ª pedra"), Abraão.	Justo ("expulsa os vendilhões"), Isaac.
Esperança,Providência, Con-fiança.	Respeito, Temente, Segurança.
Boa Vontade, Benevolência.	Força de Vontade.
Fartura, Abundância, Maná, Cornucópia.	Restrição,Correção, Espada, Chicote, Dieta.
Valor de Uso (Estimação).	Valor de troca (mercado).

O Número da Forma, Quadrado , Cubo.	O N° do Homem, Pentagrama, Estrêla de 5 pontas.
Júpiter, Energia Potencial, Latente	Marte, Energia Cinética, Manifesta
Força da Forma.	Forma da Força.



Daat é a sefirá invisível, neste sentido, não possui também numeração. **Daat** quer dizer conhecimento. Ela é a ponte invisível para atravessarmos o abismo, que é o grande espaço entre o grande rosto das 3 sefirót superiores e as demais. Chegamos lá após atravessar as 7 sefirót inferiores, que constituem o pequeno rosto. O caminho de subida da Árvore da Vida é o retorno da queda que se conecta com a própria história do Éden. O caminho do kabalista é de retomar Adão Kadmon, o homem primordial, aquele que transcende na sua originalidade as diferenças entre os povos, sendo o elo comum de todos nós, irmãos em Adão.

No conhecimento de **Daat** está presente o bem e o mal, mas é sobretudo sobre o segundo termo que temos maior noção. Tal como na relação entre a sanidade e a patologia, na qual a saúde sendo o silêncio na vida dos órgãos a doença , que sendo posterior em sua origem, é que possibilita através dela de termos uma verdadeira noção do que seja saúde, pois esta, em sua positividade, tem um silêncio supersônico. É a falta que mesmo sendo posterior que revela a existência do encontro. A vida traz consigo um conhecimento vital que lhe intrínseco. Este mesmo conhecimento coloca ao ser vivo a possibilidade de realizar na sua existência a dialética da escolha e exclusão, que terá no ser humano a dimensão do livre arbítrio, já presente no próprio Éden.

A queda é uma maneira de cair em si, reconhecendo-nos nossa própria limitação e incompletude. Esta é a verdadeira interpretação sobre o descobrimento da sexualidade e não a visão moralista que tentou se impor a ela neste episódio do fruto proibido, inclusive recriminando o papel feminino. Trata-se aqui mais do que a vergonha da consciência do êrro, o da consciência da falta, já que ambos Adão e Eva se descobrem diferentes e percebem-se incompletos. Um precisa do outro e é esta a raiz profunda das desavenças e ódios arraigados que os homens e mulheres nutrem entre si.Quem quiser falar com D's vai ter que passar pelo caminho que nos canta Gilberto Gil . Passar por Guevurah para chegar a Hessed. Viver a falta para re-

conhecer a dádiva do encontro. Como na narrativa final do Gênesis, quando na história da humanidade se grava e se con-sagra a economia da armazenagem ou estocagem, com José ensinando proféticamente ao Faraó, pela interpretação dos sonhos. As vacas gordas são anteriores as vacas magras, mas é no retorno da falta que se faz seu re-conhecimento, assim como a queda ser necessária para a ascensão.

Adão, o nome do primeiro habitante quer dizer terra=adamá, o que veio do pó, ao qual retornaremos. Ele habitava junto com Eva o paraíso, e ambos não resistindo a tentação da precocidade comem, ainda sendo cru, do fruto proibido da Árvore do Conhecimento. Esta, é também chamada de Árvore do Bem e do Mal, pois conhecer é saber disto e a própria tentação já inclui o mal em si, pois como vimos o mal é pós Tzim-Tzum, a grande contração divina criadora em última instância da matéria. Esta tentativa de cortar caminho por um atalho é a perdição humana, querendo fugir e se esconder da responsabilidade que implica ter a própria consciência, esta que é sinônimo de conhecimento.

A justiça tem dois princípios básico: a inocência presumida do réu, até prova em contrário, cujo ônus de prová-la é de quem acusa, e o segundo que é que ninguém pode alegar desconhecimento da lei. Devemos portanto manter a inocência sempre viva e presente contra os preconceitos e o amargor ao mesmo tempo que não podemos ingenuamente negar o conhecimento de que o mal existe.

Conhecer em hebraico tem tanto a conotação do conhecer, de fora para dentro, enquanto saber, quanto conhecer de dentro para fora, na própria intimidade saboreada que o ato sexual implica. “Adão conheceu Eva”, diz o texto bíblico se referindo a esta dupla conotação. Também a própria palavra saber traz na sua etimologia greco-latina esta dupla referência em relação ao saber e ao sabor, o gosto de experimentar. Esta curiosidade é constitutiva do ser humano e tem a mesma correlação quanto ao conhecimento exotérico e esotérico.

Outra história bíblica que podemos aqui referenciar é a Torre de Babel. Os homens, na sua cobiça, buscam ocupar, pelo atalho material de uma torre, o acesso ao céu, em sua ambição de ocupar o lugar de D”s. Nesta construção desconstrutiva para impedi-los, colocando-os no seu devido lugar, o Divino cria as várias línguas humanas, fazendo com que se desentendam entre si, já que cada um desconhecendo a do outro julga ser o seu idioma o central e soberano. Vemos como isto existe até hoje em dia não só nos idiomas distintos, mas nas várias línguas com que nos desentendemos. A figura da Torre, arcano maior do tarô, traz exatamente esta

conotação mostrando, na sua própria ilustração, que a queda nos faz cair na real. A Torre, arcano do Tarô, se situa no caminho da comunicação entre Hod e Netzah, tensão que se soluciona como 3º termo, como a flecha nos extremos do arco, em Tiferet e/ou Yesod. Como na interação entre os pensamentos e os sentimentos, lembrando que vencer sem lutar é triunfo sem glória e que aponta ainda para a própria interação entre o masculino e feminino da sexualidade yesodiana.

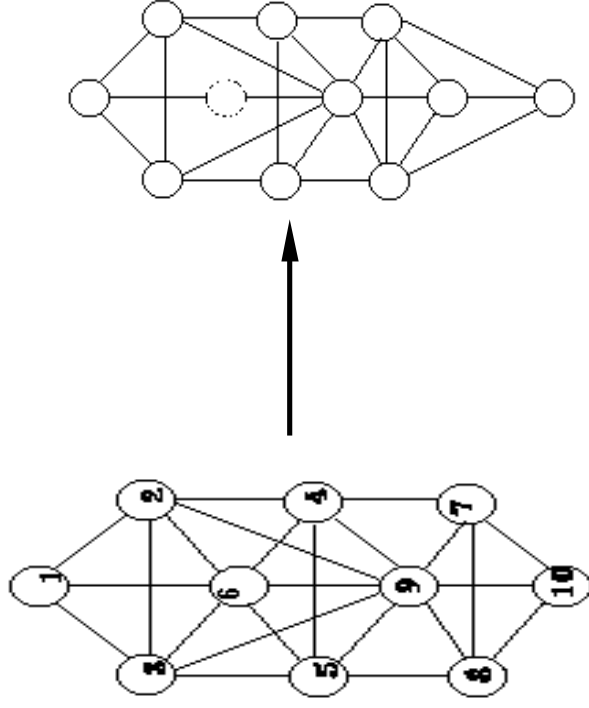
Daat, que quer dizer literalmente conhecimento, é esta sefirá invisível, que não se conta, pois o texto do Sefer Yetsirah, o livro da formação, diz textualmente : “São 10 e não 9. São 10 e não 11”. Esta sefirá localiza-se na garganta, onde temos o ‘pomo-de-adão’, é o gogó da expressão. É sede da criatividade e expressividade. Aprendemos inclusive que o mal é o que sai da boca do homem, ou como na parábola do rabi que manda comprar na feira o que tem de melhor e o que tem de pior e lhe trazem a língua.

Através do conhecimento de Daat podemos acessar as demais sefirót. Para podermos atravessar este abismo entre as superiores e as inferiores precisamos de uma ponte invisível que Daat nos oferece. Podemos compará-la ainda como se fosse um ‘mouse’ de computador, que através dele acessamos e conectamos rapidamente os programas e a rede, mas lembrando que êle sozinho em si mesmo não é nada. A idolatria seria uma espécie de culto ao mouse e ela se manifesta de várias formas, inclusive no culto idolatra à ciência que predominou neste século 20. Exatamente para evitar a prisão no reino das aparências é que a graça divina concedeu-nos o acesso de Daat, mas colocando-a no seu devido lugar de invisibilidade, para podermos sim reverenciarmos o culto do oculto.

Mental não quer dizer racional. Entenda-se que a mente está para os pensamentos como o céu está para as nuvens. O triângulo superior é também chamado de mental, enquanto a racionalidade dos pensamentos está em Hod. Quando cumprimos a travessia em Daat chegamos ao triângulo superior.

É bastante enriquecedora a contribuição que Rabi Gra nos trás a respeito da Árvore da Vida indicando que haveriam duas formas de representá-la. Uma antes e outra depois da queda. Na primeira a própria forma da Árvore da Vida, tal como a conhecemos, é diferente, pois não existe a sefirá invisível de Daat, não tínhamos comido o fruto proibido da Árvore do Conhecimento. Assim, Tiferet estaria no lugar de Daat, Yesod no de Tiferet e Malkut no de Yesod, ou seja o pilar central da suavidade estaria uma oitava acima antes da queda. Quando esta se dá, passaríamos

a ter este como invisível que é Daat e a configuração da Árvore da Vida passaria a ser esta que conhecemos e trabalhamos atualmente. A numeração em Gra também ficaria alterada sequencialmente, mas optamos por manter os números que habitualmente usamos para designar as Sefirót.



a queda

בין

Biná é a sefirá de nº3, compondo o Triângulo Superior, também chamado de Supremo, Supremo ou Mental, juntamente com Chochmah e Keter. Chegamos a ela, na ascensão, usando a ponte de Daat, para atravessarmos o 'abismo' da queda. Estas 3 primeiras sefirót possuem e exigem um nível de abstração maior, por estarem mais próximas dos 3 véus do Grande Imamifesto.

As Sefirót para além de lugares são estados. Neste sentido, podemos nos utilizar da numerologia, concebendo os números como coisas vivas. Todas as coisas são feitas de nº e com nº. Adão nomeia as criaturas e Noé as pareia, assim, o Homem é o ser que nomeia e numera. O triângulo é a 1ª Figura geo-métrica e que possibilita as 3 medidas: comprimento, largura e profundidade. Na linguagem a tríade da sintaxe é o sujeito, o verbo e o predicado (os objetos).

A Árvore da Vida permite várias leituras, de vários ângulos ou pontos de vista. Quando a olhamos de perfil, por exemplo, percebemos 7 níveis ou 7 Céus, que correspondem no corpo humano aos planos dos 7 Chakras, com a seguinte correspondência relativa:

ארכאוס	מלצו	צור מנסו	מלצו	צור מנסו
1-Raiz		מלקוט (sefirá 10).		מלצו מנסו
2-hara		yesod(9).		
3-plexo--		hod(8)/netzah(7).		
4-cardiaco		tiferet(6).		
5-garganta		guevurah(5)/Hessed(4)/Daat.		
6- pineal ou 3ºolho		binah(3)/Chochmah(2).		
7-coroa		coroa keter(1).		

Outra possibilidade é utilizar o referencial da Árvore da Vida para entrar em contato com os quatro planos de significação do Pardes, que no caminho da ascensão

representa a passagem pelos 4 níveis apresentados pela Coluna da Suavidade ou Central :

1. O **aparente do aparente** , o sentido *literal*, está em **Malkut**.
2. O **oculto do aparente**, o sentido *metafórico, ou alusivo*, no triângulo da personalidade em **Yesod**.
3. O **aparente do oculto**, o sentido *alegórico, ou simbólico*, no triângulo ético centralizado em **Tiferet**.
4. O **oculto do oculto**, o sentido do *mistério, ou místico*, no triângulo superno em **Keter**.

A Coluna da Suavidade possibilita muitas outras correlações como aquela que se dá com as letras do Tetragramaton, o Tetragrama sagrado do nome divino, cada um com seus atributos. Os 4 mundos, os 4 Naipes e as 4 cartas figurativas (Rei, Rainha, Príncipe e Princesa) também podem ser aí correlacionados. Podemos ainda correlacionar a própria essência cabalística da relação entre o dar e o receber em 4 níveis, do seguinte modo:

- I. Receber para Receber no plano da existência em Malkut.
- II. Dar para Receber no plano das relações de troca em Yesod.
- III. Receber Dando no plano do amor doador em Tiferet.
- IV. Receber para Dar no plano da canalização superior em Keter.

No topo esquerdo do pilar da Severidade ou da Forma temos a terceira sefirá que é **Binah**, que quer dizer **compreensão**. Preferimos esta tradução por acharmos que a palavra entendimento se aproxima demasiadamente do aspecto racional do pensamento hódico ou mesmo do próprio conhecimento daático. A compressão do entendimento numa forma resulta na Compreensão. Prender e aprender até apreender. Compreensão remete-nos a uma certa dimensão oculta e superior. Lembremos que ela esta por sobre Guevuráh, nos mostrando que a justiça divina escapa a nossa compreensão, principalmente quando queremos entendê-la ou equacioná-la nos padrões humanos, mais próximos do triângulo da personalidade em Hod. É como julgar cruel o pássaro empurrar o seu filhote para a queda sem perceber que trata-se do seu primeiro vôo.

Binah é a sefirá superior que confere a forma, dando também este nome ao Pilar da Severidade, como Pilar da Forma, já que a forma disciplina a força severamente. A sua representação é o triângulo, a primeira forma ou figura geométrica, que indica um estado de estabilidade, que é mais um estado de ser do que

uma coisa em si um. Triângulo que é estabilização, mas também entravamento, pois fecha o circuito enquanto os dois anteriores abrem.

Binah é a sefirá de número 3, que se manifesta de várias formas. São os três tempos: passado, presente, futuro. É a tríade originária **, a Santíssima Trindade, O Pai, o Filho e o Espírito Santo. Na própria palavra Binah encontra-se 'ben' que quer dizer filho. Como no céu é assim na terra com a nossa humanidade instituída. Assim, na formação da personalidade do indivíduo temos o triângulo edípico , o filho(a), o pai e a mãe. Da mesma forma, no aparelho psíquico temos o inconsciente, o pré-consciente e o inconsciente ou ainda o Id, o Ego, e o Super-ego ou o Imaginário , o Simbólico e o Real.

Assim no céu como na terra, a força não se move em linha reta mas em curva, retornando ao lugar de origem, mas em um arco superior no universo em expansão. Keter, como ponto, delimita presença e ausência. Chochmah como linha, delimita lados, esquerdo, direito, horizontes, verticais, superioridade e inferioridade, quando 2 linhas se tocam formam ângulos. Binah, como triângulo, delimita o dentro e fora, prenuncia o infinito polígono que se materializa no decágono de Malkut e que busca a perfeição do círculo a qual já estava implícita no ponto, retomando a Keter. O mistério da Santíssima Trindade equivale ao retorno do 3 ao 1. Assim, a emanação perene de Keter, em seu permanente estado de devir, recebe a Luz Infinita de Ayn Sof Aor, se manifesta com Sabedoria em Chochmah, pura força, dinamismo que ganha forma delimitadora compressiva com a compreensão de Binah, a qual é potencialmente ilimitada mas é inerte, enquanto que Chochmah incansável irradiaria só que dispersivamente e permaneceria incapaz, na medida em que sem Binah perderia a capacidade, como continência necessária , para poder criar fazendo, como na consistência de Hessed.

Keter, primeira sefirá emanadora, é puro ser, onipotente mas não ativo, Chochmah é a potência masculina em funcionamento com seu dinamismo irrestrito e Binah com a compreensão do significado tem no seu princípio unificador a raiz primordial da matéria.

** Nas várias mitologias e religiões também vemos também outras triades constitutivas. No hinduísmo com Brahma (criador), Visnu (conservador) e Shiva (transformadora). Na mitologia grega temos as 3 parcas (moiras) que fiam, tecem e cortam. Na egípcia encontramos Hórus, Isis e Osíris. Na cristã temos a santíssima trindade do Pai, Filho e Espírito Santo.

Na concepção dialética temos a tese em Keter, como a centelha ideativa da Vontade Superior, espécie de dom emanado, a antítese em Chochmah que, com sua Sabedoria produz e aponta para a questão e a síntese em Binah com sua compreensão compressiva que questiona.

Didaticamente podemos propor a metáfora do carro: Keter seria a centelha da ignição, Chochmah é explosivo como o combustível, Binah a própria câmara de combustão, Guedulah e Hessed os movimentos alternados dos pistões, Tiferet o coração do motor, Hod-Netzah a posse e o poder dos eixos das rodas, Malkut os pneus no chão, sendo ainda Daat o conhecimento da direção e Yesod o prazer em dirigir. Neste exemplo profundamente malkutiano, mais uma vez lembramos que cada uma das sefirót encerra as demais. Cada uma contem a força da outra só que de uma outra forma.

Da mesma maneira que as outras sefirót bi-polares, masculino-feminino e positivo-negativo, Hod-Netzah e Guevurah-Hessed, Binah para ser compreendida precisa ser referida a Chochmah. Compreensão que amplia-se mais ainda quando nos referimos a triangulação com a inclusão de Keter. Da mesma forma que compreendemos melhor as sefirót Guevurah-Hessed e Hod-Netzah no seu conjunto quando articuladas nos seus respectivos triângulos ético e da personalidade

No texto Yetzirático é chamada Binah de Inteligência Santificadora. É a mãe da fé. É a Mãe Superior e Malkut a Inferior. Chochmah é o pai universal. Binah é Marah, o Grande Mar. É Mãe Fértil fecundada, mas também Estéril desertificada. Binah é Mãe de Toda Vida, o útero arquetípico. É concepção, gestação e parto. O útero gesta e forma, ao mesmo tempo que limita e organiza a vida, delimita e aprisiona, é sujeição e constrição. A relação materna é sempre ambivalente. Incorporar-se numa forma é o início da morte da vida. Sendo o espírito desencarnado imortal quando ocorre a encarnação o espírito visualiza a morte logo ao nascer. Sua virtude é o silêncio receptivo, seu vício é o silêncio indiferente, a aridez. O masculino faz visivelmente um esporro no ato da concepção, mas não é imediatamente vinculado como pai, ao passo que o feminino trabalha silenciosamente gestando e parindo no tempo, sendo diretamente vinculada como mãe, ao processo da concepção e nascimento.

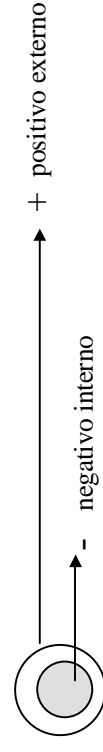
Binah é representada pela figura de uma matrona, madura. Seus símbolos são o Yoni (a vagina), a taça ou o cálice (como o Santo Gral). A experiência espiritual em

Binah é a visão da dor como ilustra a Pietá. Cronos ou Saturno é o planeta que habita Binah, pois triângulo é ciclo. O tempo e as instituições são aí representadas.

שַׁבְדוֹרְיָה

Chochmá é a sefirá de nº 2, seu nome significa **Sabedoria**. Da unidade de Keter à dualidade de Chochmá. Do ímpar ao par. É paritária, parceria, paridade, polaridade, que tem no casal, o seu duo perfeito, origem de todos nós a partir de nossos pais. O Um é ponto, o 2 é linha e o 3 é o triângulo. Duas linhas podem se tocar em um ponto (Keter) nos extremos formando um ângulo. Quando as linhas se cruzam fazem o X da questão demarcando um ponto no centro e quando se encontram no infinito como paralelas pareadas, cruzando com outras paralelas, formam ângulos alternados análogos, interna e externamente. As paralelas se encontram no infinito, formam um ângulo místico-virtual que pede o 3º termo do triângulo equilibrando a tensão. O 2 é conflito, confronto, mas também é harmonia, coroada na integração do retorno à Keter, através da Compreensão de Biná revelando a Santíssima Trindade onde 3=1. Triangulação que também pode ocorrer na invisível ponte do Conhecimento de Daat, ou ainda na integração da Beleza de Tiferet.

A dualidade do 2 de Chochmah remete-nos as polaridades positiva e negativa relativas a atividade e a passividade. A atividade é a exteriorização manifesta da ação. O positivo é externo e o negativo interno.

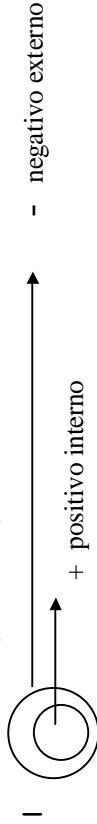


Passividade é passar a atividade, é quando o "passo" do jogo da vida, como a pedra que falta no dominó ou a carta do baralho, que estabelecendo o buraco da ausência abre o espaço passível de ser fecundo. É o passe no passeio do campo que permite o movimento do fluxo do jogo. É a imperfeição perfeitamente criada por D-s no Ayn de seu Tzim-Tzum.

Passividade é a interiorização latente da ação. Passividade é naturalidade que não é indiferença. É a própria seletiva atração feminina, neste sentido pró-ativa, como o lencinho 'caído' no jogo da corte. Tal como o óvulo que atrai, os espermatozoides

que caoticamente bailam, dispersivamente. Estes, deixando-se atrair, como que passivamente sem o saber, pelo fascínio exercido pelo óvulo.

Na passividade o negativo é externo e o positivo interno. Quando unem-se a atividade com sua positividade exterior (e sua negatividade interior que se deixa atrair) junto com a passividade com sua negatividade interior (e sua positividade interior atrativa) temos a dança cósmica da vida, desde já presente no próprio átomo com suas interações de forças intercambiantes constituindo as moléculas.



Chochmá é a sefirá superior do Pilar da Misericórdia, é o Pai Celestial presentificado, *Abba* em hebraico é pai, sua imagem representativa é de um homem barbado. É chamado de "Inteligência Iluminadora". Kether é o ponto formulado no vazio. O ponto não tem dimensão nem posição, êle ao mover-se no espaço forma em Chochmá uma linha. Embora representemos por uma linha reta lembremos que esta é apenas um segmento da curva pois o universo, como a terra, não é plano e sim curvo. O símbolo fálico está obviamente aqui representado ligeiramente curvilíneo apontando para cima. A sexualidade é cósmica e espiritual pois está mergulhada com suas raízes nas Três Supremas.

Chochmá é fluxo de força desorganizado e desequilibrado. Esta sefirá dinâmica é o "Grande Estimulador do Universo", que funciona como um canal da energia ketérica que será armazenada e formatada no receptáculo de Biná. A força dinâmica masculina estimula a elevação e a evolução enquanto a força feminina, aparentemente inerte até que receba o estímulo de Chochmá, é estática, latente e potencial, edificando as formas. A materialização da energia, como o útero, é a porta de ingresso para a matéria. É edificação mas também limitação. Anima a forma de vida, mas como forma é finita e temporal. A morte está implícita no nascimento, de modo que está mais identificada com o feminino, enquanto que a vida no seu fluir estaria com o masculino. Daí o pilar direito, da misericórdia, ser o masculino, com Chochmá no topo e o esquerdo, da Severidade ser o feminino, com Biná no topo.

Esta paridade ou polaridade é tanto no tempo quanto no espaço estabelecendo a relação dos ciclos de construção e destruição. Enquanto Chochmá é a força em sua

abstração máxima Malkut é a sua densidade maior. Chochmá é estimulante e Binah é calmante. Por ser anterior a própria manifestação Chochmá é chamado de "Coroa da Criação" no próprio texto Yetzirático. Lá também se lê como "Esplendor da Unidade", na sua íntima afinidade com Keter, indicando-o como a emanção irradiante, influência emanente do ser puro. Chochmá é chamado pelos gnósticos de "Manto Interno da Glória". Na sexualidade esotérica o Yod , Y , do Tetragrama está aqui representado, inclusive com sua correspondência ao *lingan* hindu ou ao *falo* grego. O nível microcósmico corresponde ao psicológico, enquanto o macrocósmico ao místico. Tal como no relâmpago flamejante, o fluxo descendente de Chochmá, evocado pelo Santo Nome do Tetragamaton, vai do Yod macrocósmico ao Yod microcósmico. Entretanto, não devemos confundir aqui o rito da fertilidade que está presente em Yesod (sod=segredo, do Yod), nem com o da vitalidade, com o seu magnetismo sexual, que está venusianamente vitorioso em Netzah . O rito de Chochmah é o da iluminação ou inspiração (piro=fogo) invocando as línguas de fogo de Pentecostes. Este rito diz respeito a energia cósmica em sua infirmitade. É informe dando lugar a criação de qualquer forma, a ser moldada em Binah. O bebê humano tem o potencial de falar todas as línguas. Em Chochmah com o 2 é que surgem os gêneros masculino e feminino, os quais trazem consigo os seus aspectos positivos e negativos. Nosso trabalho de desenvolvimento consiste em reconhecê-los dentro de nós mesmos e buscar integrá-los e harmonizá-los uma oitava acima em suas positivities nivelando por cima, pois o livre arbítrio possibilita-nos também nivelar por baixo, em suas negativedades. A escolha é de cada um de nós.



Chegamos a sefirá de número 1, **Keter**, que quer dizer **Coroa**. É o símbolo emblemático da Realeza, Real Alteza. Alto ponto culminante, é a sefirá mais próxima possível de alcançarmos, na nossa limitação humana, perto dos 3 Véus do Grande Imamifesto, ou seja, das Raízes Celestiais do Ayn Sof Aor (Luz Sem Fim), Ayn Sof (Sem Fim) e Ayn (Sem ou Nada).

Embora seja o ponto a figura geométrica de Keter é na linha de Chochmah que ele se manifesta. Assim, a mais primitiva representação pictográfica do número 1 é a vertical, como o indicador que indica e aponta. Esta linha, , que é o número 1, também é, em várias culturas a mesma representação^{††} para o ser humano. O homem é o ser vertical simbolizado por uma linha representativa do número 1. É a união do mais sublime do Céu com o mais profundo da Terra. O homem é a criatura, como o ponto de chegada na obra da criação, cuja missão é retomar a sua própria origem juntando-se ao Todo Criador, o qual só o é a partir do Nada. O re-ligare da gota ao oceano cósmico faz do homem o traço de união entre o céu e a terra, realizando o primado esotérico que é "assim na terra como no céu".

Esta verticalização humana trouxe a exposição anterior do ventre. Como consequência ficou frontal todo o sistema sensorial, dos 5 sentidos ao sexo. O diagrama da Árvore da Vida é referido verticalmente na conjugação com o corpo humano de pé. Na meditação judaico-cabalística a ênfase postural é dada a posição de pé com os movimentos de lateralização e antero-flexão.

Quando nos referimos as duplas ou díades, nas sefirót polares, verificamos que só podemos compreender uma na referência a sua polaridade, na medida em que uma remete a outra. Assim, para melhor compreendermos Keter precisamos nos referendar a Malkut, em sua polaridade quaternária.

Keter é a Coroa Real, coroando a cabeça do rei. A questão é saber qual coroa poderia ser suficientemente nobre para estar a altura de coroar o Rei. A missão cabalista no trabalho da reunificação é de sermos nós mesmos, humanos

^{††} Como o cursor ininterrupto do mouse na tela do microcomputador.

HOMEM------(MULHER)		MULHER------(HOMEM)	
MASCULINO		FEMININO	
POSITIVO	NEGATIVO	POSITIVO	NEGATIVO
masculinismo (afirmação do masculino em si)	machismo (negação do feminino)	feminilismo (afirmação do feminino em si)	feminismo (negação do masculino)
coragem, cruzeza	frieza, crueldade	prudência	medo paralisante
firmeza	rispidez, aspereza	suavidade	fraqueza, moleza
determinação	fanatismo	modéstia	indocisão
franqueza	grosseria	ternura	sentimentalismo
força	brutalidade	delicadeza na forma	frescura, formalismo
ímpeto sexual, liberdade sexual	sujeição aos desejos, promiscuidade	sensualidade, pudor, recato	repressão sexual, sem desejos, friiguez
penetrar, inserir	violentar, submeter	acolher, aninhar	prender, seqüestrar
protuberância incisiva	negação da falta (falicidade)	buraco positivo convexo	negação da presença
côncava	egoísmo	participação	dependência
autonomia	autoritarismo	compreensão	submissão
liderança	rejeição, filicídio	fertilização, nutrição, doação materna	esterilidade, infanticídio
fecundação, adoção paterna	desperdiçar	nutrir, economizar, qualificar (ovular)	amesquinhar, sufocar
prover, abundar quantificar (espermar)	invadir	cuidar, servir, manter	servidão
conquistar	insensibilidade	intuição	irracionalidade
lógica	obsessão	subjetividade, análise	subjetivismo
objetividade, síntese	destruidor, exterminador	coletora, conjunto vegetal, gaia-gea	desertificação esterilizadora
caçador, foco animal	repressão emocional	liberdade emocional	incontinência emocional
contenção emocional	violência	colo	cola
agressividade			

transcendentes, esta própria coroa Divina. Vimos esta coroa, como o amor, ser sacrificada de espinhos em Tiferet, no mistério da ressurreição e do advento messiânico. Sentimos o reflexo da coroa no mistério profundo do êxtase da conjunção carnal na fundação yesodiana do Êxtase Místico. Realizamos, por fim, que todo Rei para sê-lo tem que ter seu Reinado. Festejamos assim, no território malkutiano o casamento do Rei com a Rainha, a Divina Presença de Schechiná, a manifestação 'feminina' de D's.

Embora nosso ponto de chegada pareça ser em Keter na verdade ele é o de partida. Entretanto, precisamos desde recurso de começar pelo fim, pela nossa humanidade, imamente materialidade, no plano da realização Assyática, que se manifesta a partir do território do reino Malkutiano. Para não nos perdermos sempre começamos e terminamos nossos trabalhos a partir do mundo de realização de Assiá e nele no reinado da realidade de Malkut, a sefirá 10, cuja soma é a retomada do 1. Agora que chegamos ao 1 verificamos que o 0 (zero) do nada lhe antevem, mas se o invertermos da esquerda para a direita teremos de novo o 10. Indo e vindo, na direção de Keter a Malkut, inspirando ou expirando em um ou no outro é o que determinar o sentido caminho ser o de subida ou o de descida. Keter coloca-nos no nº 1 a própria questão de quais são as nossas prioridades (em planos ou mundos). A prior da prior é Keter em Azilut. Malkut com o seu nº 10 é o 1 na ma-téria, daí precisarmos ter a humildade da sarça ardente no deserto, para não cair na idolatria da má-téria.

Keter é a coroação do monoteísmo, a afirmação de um único D's, que sempre foi a questão central da Cabalá e cerne dos 3 monoteísmos: o muçulmano, o cristão e o judaico. Retomando a Akneton, faraó que tentou sem êxito introduzir o monoteísmo, Moisés, que era gago, foi escolhido como porta voz Divino, além de estranhar sua aparente falta de qualificação para o cargo, perguntou ao Senhor como responder caso o faraó lhe perguntasse qual o nome (no pantheon) desse deus dos antepassados dos patriarcas hebreus. Este instruiu-o a dizer "Eheiyeh ascher Eheiye", isto é, "Serei(sendo) quem Serei(sendo)". Sendo que Eheiye é Nome Divino. O verbo ser é santificado vivo, pois a vida é Divina. D's contem tudo mas nada o contem, nada o define ou o conceitua.

D's é o número inefável. Na oração matutina hebraica a Êle nos referimos como o Primeiro sem segundo, pois é Único, de quem foi, é e será para todo sempre. A sagrada prece do Shemá, recitada 3 vezes ao dia, é a reafirmação monoteísta - D's é Um - na abstração do Tetragramaton no nome Adonai (=Nosso Senhor) na

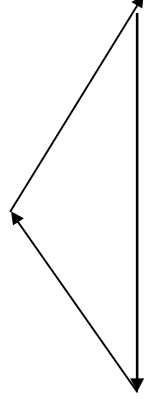
iconoclastia da imagem visual do ídolo para o chamado à escuta, ouvir com coração para além da imaginação.

De todas as sefirót, inclusive as da Triade Suprema, a mais difícil de falarmos é Keter, pois é a própria unicidade da unicidade. Para escaparmos de uma mera redundância onde 1=1, além da sabedoria linear de Chochmá com a polaridade de Keter com Malkut, que se presentifica na multiplicidade da existência, precisamos agora nos utilizar da formação binático-triangular para melhor revelar Keter. Aqui também verificamos que na realização triangular alcançamos uma compreensão maior. É a revelação do mistério da santíssima trindade onde 3 = 1, na dialética da tese-antítese-síntese. No Triângulo Superior **Keter** nos remete a sua relação com Chochmá, enquanto sua manifestação linear imediata e a Biná, enquanto sua formalização. É uma excelente prática meditativa a conexão com os inúmeros triângulos que compõem a Árvore da Vida. São reveladoras as meditações que podemos fazer usando este referencial. De certa forma, meditar o Triângulo Supremo é abrir os olhos da 'Cabra-Cega' que somos nós, respondendo as perguntas colocadas respectivamente em:

1-Keter: De onde Vim ? **2-Chochmah:** Onde estou, onde cheguei? **3- Binah:** Para onde vou ?

Ou ainda quando meditamos:

KETER- O que quero ?



BINAH- O que devo+?+

CHOCHMAH- O que posso?

Ascender na Árvore da Vida é uma utilização crescente, indo da densidade máxima da térrea Malkut a ígnea energia de Keter. Neste caminho de abstração

O dever natural tem na necessidade sua base fisiológica. Este dever nos obriga a atendê-lo, sendo pois uma obrigação. Santa Obediência, Obrigado Senhor.

crescente o sentido numerológico nos indica caminhos gloriosos a percorrer utilizando-se dos conhecimentos e recursos que nos foram ministrados até aqui pelas dez sefirót. Tudo que aprendemos sobre cada uma delas poderá agora ser revisto utilizando-se como ponto de partida os próprios números. Trata-se de antes de tudo de poder concebê-los como entidades vivas em si mesmas.

O número 1 tem qualidades aritméticas próprias, pois é divisor e multiplicador universal. Multiplicar e dividir por 1 o nº não se altera. Todo número dividido por ele mesmo dá 1. Assim, $1 \times 1 = 1$; $n : n = 1$; $1 : 1 = 1$; $n \times 1 = n$; $n : 1 = n$. O número 1 tem na modéstia a sua grandeza maior, pois é na soma ou diminuição de um a um que se faz as alterações, de grão em grão encher ou da gota d'água transbordar. O número 1 está presente sempre em todos os números, pois todos são redutíveis a unidade. Números primos tem personalidade própria, pois só são divisíveis por 1 e por ele mesmo. O nº 1, coroa a base superior da hierarquia, onde hieros = sagrado, arquia = poder. Primo, prima^{§§}, princípio, uno, único, unicidade, unidade, união, unificação, unido, indivíduo, undivíduo, (un)individualidade, uniforme, uníssono todos são atributos derivados do nº 1. O infinito é o +1

Meditar com os números nos possibilita alcançar a concepção deles como coisa viva. Significa poder se envolver com o número além de todos os sentidos, desde suas qualidades, fazendo a correlação recíproca com a sua localização e representação sefirótica. Meditar o número é entrar em contato com as qualidades geométricas, aritméticas e algébricas do mesmo. É perceber a arquitetura de sua forma e desenho (arábico ou romano). É poder falar os seus vários nomes como mantras. É conectar com seus símbolos e significados místico e culturais. É ver-se a si e no próprio reflexo do nº.

Podemos agora re-tomar a Árvore da Vida, como na re-leitura da Torá imediatamente ao findá-la na festa dos Tabernáculos (primícias do novo). Re-meditar trás novos significados iluminados pela Luz Infinita. Abrem-se, novos ciclos teórico-meditativos, como a numerologia, os 22 caminhos dos arcanos e as 22 letras do Sefer Yetzirá, os ocultos caminhos, a re-velação do corpo.....de Luz Sem Fim

Sem Fim

Sem.

^{§§} A primo (a) costuma ser o primeiro amor no limiar edípico.

28. Anjos Mensageiros da Luz- guia para o crescimento espiritual. Terry Lynn Taylor. Ed. Pensamento.
29. Arquétipos da Árvore da Vida- Madonna Compton. Ed Siciliano.
30. As mais belas orações de todos os tempos. Seleção e Tradução de Rose M. Muraro e Frei R. Cintra. Ed. Rosa dos Ventos.
31. As Origens da Cabala- Éliphas Levi. Ed. Pensamento.
32. Astrologia Cabalística: anatomia do destino- Warren Kenton. Ed. Pensamento.
33. A Viagem de Théo- Romance das Religiões. Catherine Clément. Cia das Letras,
34. Biografia do Diabo: o diabo como sombra de D's na história- Alberto Cousté. Ed. Rosa dos Tempos.
35. Breve Introdução ao Talmud- Henrique Iusim. Ed. B'nai B'rith.
36. Breve Sexta -Feira. Isaac Bashevis Singer. Ed. Francisco Alves
37. Cábala de la Luz - Jaime Barylko. Ed. Emecé. Argentina.
38. Cabala- Jorge Luis Borges in Sete Noites. Editora Max Limonao.
39. Cabala- F. V. Lorenz. Ed. Pensamento.
40. Cabala- Juan de Garten. Ed. Traço.
41. Cabala- O Caminho da Liberdade Interior. Ann Williams-Heller. Editora Pensamento.
42. Cabala- Perle Epstein- Ed. Pensamento.
43. Cabala e Crítica- Harold Bloom. Biblioteca Pierre Menard. Ed. Imago.
44. Cabala e Psicologia- Z'ev S.Halevi. Ed. Siciliano.
45. Caminhos do Povo Judeu Vol I e II. Ed. Renascença. São Paulo.
46. Dicionário de Ciências Ocultas- Editora Três.
47. Dicionário Portugues-Hebraico. A. Hatzamri e S.M-Hatzamri. Ed. Aurora.
48. Dogma e Ritual de Alta Magia. Eliphas Levi. Ed. Madras
49. El Bien y el Mal en Psicoterapia- Wilhelm Bitter. Ediciones Signeme.
50. Elementos da Cabala. Will Parfitt. Ediouro.
51. El Zohar: El libro del Esplendor-Seleção de Carlos Giol. Ed. Obelisco
52. Escola de Kabbalah- Z'ev ben Shimon Halevi. Ed. Siciliano.
53. Fragmentos de um Futuro Pergaminho-(Judaísmo e Cabala na Nova Era). Reb Zalman Schachter. Ed. Tikun Olam.
54. Gate to the Heart: An Evolving Process. Reb. Zalman M. Schachter- Shalomí. Ed. Aleph.
55. Gênesis- Uma interpretação esotérica- Sarah Leigh Brown. Ed. Pensamento
56. Guia Practica al Simbolismo Qabalístico: Las esferas del arbol de la vida - Gareth Knigh. Luis Cárcamo, Editor.
57. Gift of the Bible. Rabbi Yehuda Ashlag. Research Centre of Kabbalah
58. Guia Practica al Simbolismo Qabalístico : Los senderos y el tarot- Gareth Knigh. 2 volumes. Luis Cárcamo, Editor.
59. Histórias do Rabi- Martin Buber. Ed. Perpectiva.
60. Humor Judaico- do Éden ao divã. Coletânea de Moacir Sliar. Ed. Shalom
61. Ídiche Kop- O segredo Judaico de Resolução de Problemas. Nilton Bonder. Ed. Imago
62. Iniciação à Cabala. Tova Sender. Ed. Record.
63. Iniciação ao Islã e Sufismo- Mateus Soares de Azevedo. Ed. Record.
64. Inner Freedom Through Qabala. Ancient Wisdom for Modern Day Living. Bob Lancer. Limitless Light Publishing.
65. Inner Space- Introduction to Kabbalah, Meditation and Prophecy. R. Arieh Kaplan. Moznaim Publishing Corporation.
66. Introdução à Cabala Mística: Os frutos da Árvore da Vida. Alan Richardson Henus Editora.
67. Introdução à Cabala. Dr. Philip S. Berg. Vol. 1. Research Centre Of Kabbalah.
68. Jesus Terapeuta e Cabalista. Mário Satz. Ed. Ground.
69. Judaísmo- Marin Buber. Ed. Verdier
70. Jung e o Tarô- Uma Jornada Arquetípica. Sallie Nichols. Ed. Cultrix.
71. Kabbalah Prática: a mística dos números. J. Bosco C. Viegas. Livraria Freitas Bastos.
72. Kabbalah- A Árvore da sua vida. Leo Reisle. Ed. Nordica
73. Kabbalah e Êxodo- Z'ev S.Halevi. Ed. Siciliano.
74. La Clave del Zohar- Albert Jounet. Ed. Kier (Argentina).
75. La Letra, Camino de Vida: el simbolismo de las letras Hebreas. Annick de Souzenelle. Ed. Kier.
76. La palabra en el corazon del cuerpo: El ser y el cuerpo. A. de Souzenelle e Jean Mouttapa. Ed. Kier.
77. Las Clavículas de Salomón- según Eliphhas Levi- La Tabla de Esmeralda. Editorial Edaf, Madri.
78. Lendas do Bom Rabi- Malba Tahan. Coleção Saraiva,
79. Lendas do Povo de D's- Malba Tahan. Ed. Conquista.

80. Meditação- um repertório das melhores técnicas. Pam e Gordon Smith. Ed. Rocco.
81. Meditação Judaica- um guia prático. R. Arieh Kaplan. Ed. Exodus.
82. Meditation and Kabbalah. Reb. Aryeh Kaplan. Ed. Samuel Weiser
83. Meditações sobre os 22 arcanos maiores do tarô. Anônimo. Ed. Paulus.
84. Meshivar Nafesh: Restituindo a Alma- Um Davenem Sidur para Kabbalat Shabat e Maariv. R. N. Bonder. Congregação Judaica do Brasil.
85. Minha Prece. Vol.1 Preces diárias. Nissan Mindel. Editora Chabad
86. Miraculous Living: A Guided Journey in Kabbalah through the ten Gates of the Tree of Life. Rabbi Shoni Labowitz. Ed. Simon & Schuster.
87. Mística e Espiritualidade. Leonardo Boff e Frei Betto. Ed. Roco
88. Mitos e Tarôs: A viagem do mago- Dicta Francoise- Ed. Pensamento.
89. No Início: A criação na bíblia e na ciência. Nathan Aviezer. Ed. Exodus.
90. Numerologia.. Ellin Dodge. Bertrand Brasil
91. O Bahir: O Livro da Iluminação (atribuído ao Rabi Nehuniá ben Hakana). Introdução e comentários de Arieh Kaplan. Ed. Imago.
92. O Cabalion: estudo da filosofia hermética do antigo Egito e da Grécia- Três Iniciados (Trad. Rosabis Camaysar). Ed. Pensamento.
93. O Caminho de D's- R. Moshé Chaim Luzzatto (anotado por R. Arieh Kaplan)- Ed. Maayanot.
94. O Caminho da Kabbalah- Z'ev ben Shimeon Halevi. Ed. Siciliano.
95. O Corpo Etérico do Homem: a ponte da consciência. L. J. Bendit e P.D. Bendit. Ed. Pensamento.
96. O Deserto é Fértil- Dom Hélder Câmara. Ed. Civilização Brasileira.
97. O Essencial da Cabala- Daniel C. Matt. Editora Best Seller.
98. O Essencial do Alcorão- Thomas Cleary. Ed Best Seller.
99. O Golem- Elie Wiesel. Ed. Imago.
100. O Livro do Gênese: mitologia hebraica. Robert Graves e Raphael Patai. Xenon Ed
101. O Livro dos Salmos- Rei David, Ed. Bloch. "Salmos para tudo!" Ed. Astral.
102. O Primeiro degrau- um guia da espiritualidade judaica. Zalman Schachter-Shalomi e Donald Gropman. Imago editora
103. O Poder dos Salmos- Celina Fioravanti. Ed. Ground.
104. O Quanto é preciso ser bom?- Uma nova perspectiva para a culpa e o perdão. R. Harold Kushner. Ed. Exodus.
105. Os Arcanos maiores do Tarô- G. O. Mebes. Ed. Pensamento
106. Os Arcanos Menores do Tarô- G. O. Mebes Ed. Pensamento
107. O Simbolismo do Corpo Humano: Da Árvore da Vida ao esquema corporal. Annick e Souzenelle Ed. Pensamento.
108. Os Poderes Ocultos dos Números- W. Wynn Westcott. Ediouro.
109. Os Mistérios da Cabala- Eliphaz Levi. Ediouro
110. O Tarô Cabalístico- Roberto Wang. Ed. Pensamento.
111. O Tarot dos Salmos- Regina Moraes. Nova Era. Record.
112. O Trabalho do Kabbalista- Z'ev ben S. Halevi. Ed Siciliano.
113. Para compreender a Cabala- A. D. Grad. Ed. Pensamento.
114. Parábolas y circumloquios de Rabí Isaac Ben Yehuda (1325-1402) - José Jimenes Lozano. Anthropos Editorial del Hombre, Barcelona.
115. Pequena História da Língua Hebraica- Chaim Rabin- Summus Editorial
116. Profundos mistérios de la Cábala Divina- Jacobo Gaffarel. Editorial Sírio. Málaga.
117. Portais Secretos: acessos arcaicos à internet. Nilton Bonder. Ed. Rocco.
118. Projetando Luz: o caminho da evolução espiritual através dos arcanos maiores- Narci Castro de Souza. Ed Casa do Autor.
119. Quando Coisa Ruins Acontecem às Pessoas Boas. Harold S. Kushner. Ed. Nobel
120. Rosh Ha-Shana & Iom Kipur- Dias Intensos. Nilton Bonder. Ed. Imago.
121. Sabedoria Judaica- Roberto D. Graetz. Ediouro
122. Sefer Yetzirah: The Book of Creation. Trad. e comentários de Arieh Kaplan. Ed. Samuel Weiser Inc. Maine.
123. Tarô e Individualização: correspondências com a cabala e a alquimia. Dra Irene Gad. Ed. Mandarim.
124. Tarot, El Arte de adivinar. E. Esquenazi. Ed. Obelisco.
125. Tarô espelho da alma: manual para o tarô de Aleister Crowley. Gerd Ziegler. Jorge Zahar Editor.
126. Teurgia-Dicionário dos Anjos. Monica Buonfiglio. Oficina Cultural M. Buonfiglio.
127. Textos Clássicos do Judaísmo- Apresentados pelo Rabi Henrique Lemle. ARI-RJ
128. The Magical World of the Tarot. Gareth Knight. Weiser Ed.
129. The New Living Qabalah: A Practical e experiential guide to understanding the Tree of Life. Will Parfitt. Element Books Limited.

130. The Way of Man .According to the teaching of Hasidism. Martin Buber Citadel Press Book.
131. Tikun Olam: sobre a transformação pessoal e planetária. Rabi Zalman Shalom. Apostila.
132. Tratado da Ciência Cabala- D. Francisco Manuel de Melo. Editorial Estampa. Lisboa.
133. Um despertar Gradual- Stephen Levine. Ed. Pensamento.
134. Um Deus Esquecido- Jacob David Azulay. Livraria Freitas Bastos.
135. Universo Cabalístico- Z'ev ben S.Halevi. Ed. Siciliano.
136. Wondrous Healings of the Wise Kabbalists and the ancient physicians. David Lustig.. Israel.
137. Zoar: O Livro do Esplendor- selecionado por Gershom Scholem. Editora Renes. Revistas:
- The International Kabbalah Magazine April-May 5756 Vol 1 Issue 2
 - 28 Questions & Answers about Kabbalah
 - Ovid's Quantum PsychoAlchemy
- OBS:** Recomendamos como Bibliografia básica os referidos nos seguintes números: 3-12-31-38-45-49-53-57-63-65-74

DR. BENJAMIN MANDELBAUM
CRM 52.18170-5



Estrada União Indústria 11590-A
sala 203. Petrópolis-Itaipava
Tel: (24)222-6220

Praça Pio XI 34, J. Botânico-Rio
Tels: (21) 266-5437 e 537-2615
Cel: (21) 9767-6686

Email: benmande@netrio.com.br

Questões sobre a Cabalá:

1. O que quer dizer Cabalá, que outros nomes possui ?
2. Qual o objetivo da Cabalá ?
3. O que é a Árvore da Vida ? Como correlacioná-la com o corpo humano ?
4. O que quer dizer sefirá ?
5. Quais são e o que representam as sefirót da Árvore da Vida ? Faça o seu desenho.
6. Quais são os 4 mundos, o que querem dizer, o que significam, o que representam, quais são os seus elementos e como relacioná-los com a Árvore da Vida ?
7. O que significa a escada de Jacó ?
8. Como se dá a interseção das sefirót nos 4 mundos?
9. Qual o caminho do Relâmpago Flamejante e qual o da Ascensão?
10. O que são a Tríade do Despertar, a Tríade Animal, superior, o Triângulo da Personalidade , a Tríade Vegetal, inferior, e a Tríade da Alma ?
11. O que é o Trono de Salomão e qual a sua importância ?
12. Qual é a diferença entre magia e milagre ?
13. Como você vê a correlação da Árvore da Vida com o grupo de estudos de iniciação cabalista ?
14. Como se deu a transmissão da Cabalá historicamente ?
15. Quais as principais influências que a Cabalá teve desde sua origem até os dias atuais ?
16. Qual é o primeiro requisito do cabalista ?
17. Quais são os 7 estados psicológicos e os 7 estados espirituais ?
18. Como surgiu o mal, qual o papel de Satã , êle é filho de D-s ?